

## **A VERDADEIRA HISTÓRIA DA COLÔNIA CECÍLIA DE GIOVANNI ROSSI.**

**ISABELLE FELICI**

A colônia Cecília, experiência que buscou pôr em prática os princípios anarquistas e que nasceu em 1890 no estado do Paraná, é o aspecto mais conhecido do anarquismo italiano no Brasil e sua primeira manifestação. Todavia, existem muitas impressões falsas sobre essa experiência, uma vez que a imagem da Cecília, que transparece nas obras sobre o anarquismo e nas obras de ficção que lhe foram consagradas, deve-se mais à lenda do que à realidade. Este artigo concentra-se, o mais precisamente possível em função da documentação recolhida, sobre a forma pela qual desenvolveu-se essa experiência de comunismo anarquista e tem, portanto, por objetivo estabelecer definitivamente a distinção entre lenda e realidade.

É muito provável que, se a lenda não se tivesse apoderado da história da Cecília, transmitindo uma versão desviada da verdade, a experiência comunitária não teria impressionado tanto as imaginações. De fato, apesar da presença de alguns antigos colonos da Cecília no movimento anarquista de São Paulo e na imprensa anarquista no Brasil, nem a colônia, nem seu fundador, Giovanni Rossi, deixaram traços profundos na história do movimento operário, nem italiano, nem brasileiro. Em compensação, esqueceu-se freqüentemente que a colônia Cecília é também fortemente ligada à história da imigração italiana no Brasil, porque, em muitos aspectos, a experiência dos colonos da Cecília é muito próxima da de outros emigrantes italianos do fim do século XIX. A Cecília nasceu, aliás, no momento em que a vaga de emigração italiana em direção ao Brasil era mais forte.

A personagem do fundador da Cecília é indissociável da história da colônia. Toda a sua atividade política gira em torno de um projeto de vida comunitária. Desde a sua adesão à Internacional, em 1873, aos dezoito anos de idade, Giovanni Rossi propôs um projeto de vida comunitária na Polinésia. Os numerosos artigos que ele apresentou na imprensa italiana, anarquista e socialista, os apelos que ele lançou às associações, federações,

partidos, suscetíveis, a seus olhos, de ajudá-lo, tinham todos por objetivo expor seu projeto de comunidade ou, após 1890, apoiar a experiência em curso no Brasil. Com o mesmo objetivo de propaganda, Rossi funda, além disso, seu próprio jornal, *Lo Sperimentale*, em 1886. Ele desenvolve igualmente seu projeto de comunidade em um romance utópico, *Un Comune Socialista*, no qual a personagem feminina tem por nome Cecília - que teve cinco edições entre 1875 e 1891.

A atividade de Rossi é completamente marginal no contexto político italiano da época<sup>1</sup>. De fato, por mais que ele seja exposto, como todos os membros da Internacional no último quarto do século XIX, às repressões que assolavam então a Itália, Giovanni Rossi fica à margem do grande debate político que divide socialistas e anarquistas e propõe uma terceira via, científica esta, para resolver o problema social, a do "socialismo experimental". A posição de Rossi não atrai simpatizantes nos meios políticos italianos. Nem socialistas, nem anarquistas o apoiam verdadeiramente, tanto durante os anos que ele passou na Itália, como durante a experiência da Cecília. Filippo Turati, uma figura importante do socialismo italiano, escreve, em março de 1891, no jornal *Critica Sociale*:

*"Que alguns pioneiros vão longe, levados pelas asas do desejo, em direção à ilha encantada dos seus sonhos, Robinsons da idéia - está bem, nós não vamos querer censurá-los, nós desejamos a eles ventos propícios e tenacidade na fé. Mas o nosso lugar, o lugar da grande maioria dos lutadores é aqui, na velha civilização, em meio às suas dores, às suas vergonhas, às suas contradições, onde também arde a febre de renovação..."*

A opinião dos anarquistas é ainda mais destacada. De seu exílio londrino, Errico Malatesta manifesta sua desaprovação em uma carta publicada, também em março de 1891, pelo jornal *La Rivendicazione*, de

---

<sup>1</sup> Sobre os primeiros passos de Giovanni Rossi no contexto político italiano no último quarto do século XIX, bem como sobre o conjunto do período, ver minha tese de doutorado defendida em 1994, na Université de la Sorbonne Nouvelle Paris III, *Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. 1890-1920*.

Forlì. Em sua crítica, ele engloba a experiência da Cecília no processo mais vasto da emigração. Malatesta pede aos anarquistas que lutem contra a emigração, essa "válvula de escape que afasta a explosão revolucionária":

*"O dever dos revolucionários é o de fazer todo esforço para fazer compreender aos miseráveis que a miséria existe lá como aqui, e que o remédio, se querem, podem encontrá-lo ficando onde estão e rebelando-se contra o governo e contra os patrões para tomar de volta aquilo que eles mesmos produziram."*

E se ele deplora a empresa de Rossi, é não somente porque ela afasta os melhores combatentes, mas também porque ela "oferece aos oprimidos uma vã esperança de emancipar-se sem precisar fazer a revolução." Ele não acredita que essa experiência possa ter sucesso, nem no plano experimental, nem no econômico e ordena aos revolucionários que não sigam Rossi se não querem se tornar por sua vez desertores:

*"De qualquer modo, se Rossi quer fazer o experimento, que o faça; mas que deixe em paz os socialistas, deixe em paz os revolucionários e recolha os pobres trabalhadores, que ainda não ouviram falar do socialismo. Que prefira os mais degradados, os mais embrutecidos e faça a nobre tentativa de elevá-los à dignidade humana, ou melhor, de pô-los em condição de elevar-se de si mesmos por meio do trabalho, da liberdade e do bem-estar. (...) Que Rossi vá ao Brasil repetir tardiamente, quando o problema social já se tornou gigante e reclama solução urgente e geral, os experimentos de diletante, com o qual os precursores do socialismo encheram a primeira metade deste século. Os revolucionários permaneçam no seu posto de batalha. Quando a fome pega pelo pescoço o proletariado, e a revolução se apresenta como dilema de vida ou de morte diante da humanidade, sair do jogo é coisa de pusilânime. Parece-me que hoje quem parte, deserta diante do inimigo no momento da batalha."*

Rossi não responde diretamente a essa acusação de deserção. Ele diz simplesmente, no balanço da experiência comunitária no Brasil que ele redige em 1893, "*Cecilia, comunità anarchica sperimentale*", que essa acusação não tem fundamento, uma vez que, não pertencendo a nenhum

exército, não reconhecendo nem chefe nem discípulo, os que escolheram a experiência comunitária não podem ser considerados desertores.

Antes de conseguir fundar uma colônia anarquista no Brasil, Rossi lutou durante anos para que seu projeto se realizasse na Itália. Ele fez diversas tentativas, como a de Stagno Lombardo, uma aldeia do norte da Itália, em uma propriedade chamada Cittadella. Essa tentativa, que durou cerca de dois anos, termina em fracasso, em novembro de 1889. A decepção e a impaciência de ver seu projeto de vida comunitária enfim realizado, fazem com que Rossi conceba a idéia de embarcar para o Novo Mundo. Na edição de 1891 de seu romance *Un Comune Socialista*, ele conta como lhe nasceu essa idéia:

*"Lá pelo fim de 1889, depois que um ensaio imperfeito em Stagno Lombardo não tinha correspondido às minhas esperanças, eu tinha me decidido a ir para uma das duas colônias coletivistas fundadas recentemente na América do Norte - Kaweah na Califórnia ou Sinaloa no México - quando Achille Dondelli de Brescia, em seu nome e no de outros companheiros, me propôs de ir fundar uma colônia na América do Sul. O leitor entenderá logo que eu aceitei com todo aquele entusiasmo que se tem no coração aos trinta e quatro anos."*

Quando ele considera a possibilidade de partir para o Novo Mundo, não é no Brasil que Giovanni Rossi pensa em se transferir em um primeiro momento: em dezembro de 1889, ele anuncia em *L'Eco del Popolo*, de Cremona, que pretende partir para o Uruguai. Alessandro Cerchiai afirma que "ele foi impedido pela eterna revolução entre 'Blancos y Colorados'". Essa afirmação, que aparece em uma carta de Cerchiai, publicada em 1936 por uma revista de São Paulo, *Quaderni della Libertà*, não é confirmada por nenhuma outra fonte. Quanto a Rossi, ele não dá nenhuma explicação sobre essa mudança de destino, e sua partida para o Brasil é muito discreta. Pouco tempo se passa do momento em que ele decide partir e quando parte efetivamente. Na sua precipitação, Rossi não tem tempo de anunciar sua partida na imprensa anarquista e socialista italiana. Por isso, mais de dois meses após ter deixado a Itália, alguns jornais, como *La Plebe* de Cremona, anunciam ainda que ele partiu para o Uruguai.

Quando os primeiros colonos da Cecília souberam que iriam para o Brasil, eles não conheciam ainda o lugar exato onde seria implantada a

colônia. De fato, um jornal brasileiro de Curitiba, *Quinze de Novembro*, anuncia no seu número de 20 de março de 1890 que o Dr. Rossi deixou a Itália no dia 20 de fevereiro para estudar a situação agrícola dos estados da Bahia, Pará, Minas Gerais e decidir sobre qual o melhor lugar onde instalar as cinquenta famílias que deveriam chegar em julho de 1890<sup>2</sup>. É no dia 20 de fevereiro que o navio Città di Roma deixa o porto de Gênova, levando a bordo Giovanni Rossi e alguns camaradas. O Città di Roma entra no porto do Rio de Janeiro no dia 18 de março de 1890. Rossi e seus companheiros são abrigados na Hospedaria da Ilha das Flores, o alojamento dos imigrantes no Rio de Janeiro. Uma semana depois, eles partem novamente em direção ao Rio Grande do Sul, para Porto Alegre, como testemunha o registro número 40 das entradas na Hospedaria dos Imigrantes, conservadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Rossi decide apresentar as primeiras notícias do grupo em um jornal anarquista francês. Eis a carta que publica *La Révolte* em junho de 1890:

*"Recebemos a seguinte carta:*

*Porto Alegre, 22 de março de 1890*

*Nós pretendemos constituir aqui uma colônia anarquista, que possa dar à propaganda uma demonstração prática de que nossas idéias são justas e realizáveis, e à agitação revolucionária na Europa auxílios financeiros.*

*Já faz alguns anos que nós discutimos na Itália as vantagens e os perigos que uma tal empresa poderia apresentar; e após ter estudado a questão, nós nos decidimos. Nós partimos às oito do dia 20 de fevereiro, e em Gibraltar uma família de camponeses espanhóis se juntou a nós. Nós partiremos amanhã para Porto Alegre para procurar um terreno propício. Nós vos informaremos do que ocorrerá. Se alguém desejar nos ajudar, escreva para o seguinte endereço: Dr. Giovanni Rossi, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil."*

---

<sup>2</sup> Citado por Helena Isabel Mueller, em sua tese em História intitulada *Flores aos rebeldes que falharam. Giovanni Rossi e a utopia anarquista: colônia Cecília*, defendida na Universidade de São Paulo, em 1989.

A carta é datada 22 de março, quando Rossi e seus companheiros estavam ainda no Rio de Janeiro. A viagem é retomada no dia 26 de março no navio *Desterro*, que faz escala em Paranaguá (Paraná) no dia 28 de março. É lá que descem nossos pioneiros. Na edição de 1891 de seu romance *Un Comune Socialista*, Rossi explica que é o mal de mar que decidiu finalmente sobre a sorte da Cecília:

*"Nós devíamos ir a Porto Alegre, mas o mal de mar fazia sofrer tanto dois dos nossos companheiros, que decidimos poupá-los de outros cinco ou seis dias de navegação e descer aqui, para fundar a nossa colônia social em alguma parte do Paraná, onde sabíamos que encontraríamos um clima ameno e saudável."*

A viagem continua então por terra, idêntica em todos os aspectos à dos outros imigrantes. Os pioneiros da Cecília fazem novas paradas no alojamento dos imigrantes em Paranaguá e depois em Curitiba, onde chegam de trem com outros imigrantes italianos, quase todos acolhidos por parentes e amigos. O escritório da Inspetoria de Terra e Colonização encaminha-os em direção ao distrito de São Mateus, banhado pelo rio Iguaçu. No dia primeiro de abril, Giovanni Rossi e Evangelista Benedetti partem para fazer o reconhecimento do terreno. Eles percorrem cem quilômetros em "um instrumento de tortura que chamam diligência". A pequena cidade de Palmeira, onde eles chegaram após dois dias de viagem, agradou muito a Rossi, que recenseou todas as vantagens que ela apresentava, da igreja à agência de correio e telégrafo, passando pelo clube literário e a sociedade de teatro, e, sobretudo, "*o que mais a torna admirável, um grupo de pessoas notáveis, algumas das quais fizeram seus estudos nos Estados Unidos da América do Norte ou na Europa, mas que demonstram todos muita inteligência e excelente cortesia.*"<sup>3</sup> Entre as pessoas notáveis, aparece o

---

<sup>3</sup> ROSSI, Giovanni. "Al Paraná. Appunti di viaggio e di colonizzazione". *La Geografia per Tutti*, n.7, Bergamo, 15 de agosto de 1891. Na continuação do texto, todas as informações referentes à viagem de Rossi e aos inícios da colônia Cecília são tiradas, salvo indicação contrária, dos balanços que ele mesmo fez em 1891 e 1893, em *Un Comune Socialista*, Livorno, Tip. E. Favillini, 1891; e *Cecilia, Comunità Anarchica Sperimentale: un episodio d'amore nella colonia Cecilia*, Livorno, Biblioteca del *Sempre Avanti*, n.7, Tip. S. Belforte, 1893.

Dr. Franco Grillo, o médico de Palmeira, que se torna o amigo da Cecília e seu apoio no local. Rossi e Benedetti se instalam finalmente em uma velha cabana no bosque próximo a Santa Bárbara, a dezoito quilômetros ao sul de Palmeira. Passada uma semana, juntam-se a eles os companheiros que haviam ficado em Curitiba. É então que começa, nos primeiros dias de abril de 1890, a história da Cecília.

O número exato dos primeiros colonos não é conhecido, porque as cifras antecipadas por Rossi nos diferentes textos que ele redigiu - e por Amilcare Cappellaro, que se junta à Cecília no fim de 1892, e se torna então o correspondente regular do jornal anarquista francês *La Révolte*, - contradizem os registros dos barcos aportados no Rio de Janeiro e os registros das entradas na hospedaria dos imigrantes. Na carta, já citada, que Rossi enviou a *La Révolte*, quando tinha acabado de desembarcar no Rio em março, ele informa que seu grupo é constituído de oito pessoas, às quais se juntou, durante a viagem, uma família espanhola. Posteriormente ele não fez mais alusão a essa família espanhola. Em contrapartida, em 1891, na quinta edição de *Un Comune Socialista*, quando Rossi dá os nomes dos companheiros que viajaram com ele, ele não cita mais que cinco: Evangelista Benedetti, Lorenzo Arrighini, Giacomo Zanetti, Cattina e Achille Dondelli. No registro consultado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, os nomes de Achille e Cattina Dondelli não aparecem entre os nomes dos passageiros do *Città di Roma*, mas ali figura um outro nome, o de Elisabetta Arrighini, não mencionada por Rossi<sup>4</sup>. Amilcare Cappellaro, fazendo para um número de outubro de 1892 do *La Révolte*, o histórico da Cecília, escreve que "a colônia socialista Cecília foi fundada pelo companheiro Rossi e três outros, no mês de abril de 1890." Cappellaro não leva em conta, em seus cálculos, nem Cattina Dondelli, nem Elisabetta Arrighini; entretanto, havia realmente uma mulher no início da Cecília, uma vez que Rossi nos diz que "a caixa social era confiada, por pura

---

<sup>4</sup> As fontes italianas confirmam esse ponto, visto que não apresentam mais nenhum traço dos Dondelli na nota do Ministério do Interior que relaciona os socialistas que tinham embarcado no "*Città di Roma*", no dia 20 de fevereiro de 1890. Ministero dell'Interno. Direzione Generale della Pubblica Sicurezza, Ministero degli Affari Esteri, Roma, 27 de fevereiro de 1890. Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47.

formalidade, à única mulher da comunidade." As fontes indicam, portanto, que os Dondelli não viajaram no Città di Roma. Fora esse detalhe, a viagem desse pequeno grupo corresponde bem ao que diziam os relatos de Rossi e Cappellaro: os pioneiros vêm preparar a experiência e a vinda das cinquenta famílias que prometeram juntar-se a eles. O seu procedimento não é aventureiro: eles já estão informados sobre a geografia, as condições climáticas, os hábitos no domínio da agricultura do país que vai acolher a colônia e seguem o itinerário habitual dos emigrantes que se dirigem ao sul do Brasil. As páginas da edição de 1891 de *Un Comune Socialista*, que Rossi consagra à viagem dos pioneiros da Cecília, poderiam ter sido escritas por qualquer pessoa que emigrou para a América do Sul no fim do século passado. Nelas, Giovanni Rossi conta a viagem desde o porto de Gênova, o transporte de barco até o Rio de Janeiro, as paradas nas diferentes hospedarias para emigrantes nas quais ele permaneceu com seus camaradas, os primeiros passos para a obtenção de uma terra. O documento é muito interessante porque ele é de uma grande precisão. Rossi é um observador escrupuloso: ele chega até mesmo a medir "conscienciosamente", com a ajuda de seus companheiros, as salas (refeitório, dormitórios) que acolhem os emigrantes.

Na mesma edição, ele conta, em alguns parágrafos, os primeiros meses de existência da Cecília, de abril a dezembro de 1890. Ele se refere com um tom alegre aos problemas administrativos da comunidade nascente; descreve com afeição os animais domésticos que compartilham a vida da colônia e evoca, mas sem se tornar pesado demais, os aspectos negativos da vida na Cecília: essencialmente a pouca variedade da alimentação e o excesso do trabalho. Ele não se detém sobre o fato de que a vida que ali se leva é muito rude, que as refeições são frugais, os cobertores sempre insuficientes, o trabalho difícil; ele fica feliz de anunciar que a vida comunitária, apesar de alguns "incidentes desagradáveis", das querelas e do ciúme do marido da única mulher do grupo, desenvolve-se de maneira satisfatória, "sem regulamentos nem chefes". Longas passagens desse texto são também consagradas aos meios de transporte, à agricultura, à criação de animais e ao problema dos animais perigosos, tudo apresentado de maneira muito positiva. Eis aqui como Rossi conclui a passagem consagrada aos animais perigosos que, segundo uma idéia falsa, seriam muito numerosos nessas regiões distantes, quando ele mesmo não os havia ali encontrado, devendo, para redigir seu artigo, consultar um amigo instalado há vários anos no Brasil:

*"Da minha parte eu não saberia concluir melhor esta assustadora enumeração de flagelos, senão declarando que na nossa colônia vive-se muito bem, tem-se um apetite de lobo e só se vê em torno de nós gente sã e contente."*

A publicação desse texto é um elemento da campanha de propaganda à qual se dedica Rossi no fim de 1890, quando ele volta para a Itália. Ele desembarca em Gênova, no dia 25 de novembro de 1890, com a intenção de recrutar colonos novamente, uma vez que as cinquenta famílias que haviam prometido alcançar os pioneiros em julho de 1890 não mantiveram a palavra. Pleno de detalhes concretos sobre o local que acolhe sua colônia experimental, da qual ele compartilhou a vida de abril a setembro ou outubro de 1890, Giovanni Rossi põe todo o seu esforço para obter apoio e recrutar novos colonos nas cidades que ele atravessa: Pisa, Cecina, Livorno, La Spezia, Turim, Milão, Brescia. A leitura desse relatório deixa, especialmente na versão revisada que apareceu, de maio a setembro de 1891, na revista *La Geografia per Tutti* de Bergamo, uma impressão muito próxima da que se teria lendo um texto de propaganda sobre o Brasil e suas maravilhas, distribuído pelo governo brasileiro da época ou de alguma companhia de navegação ansiosa por encher os seus navios de emigrantes. O desejo de atrair e de seduzir novos participantes influenciou Giovanni Rossi na sua redação, e o incitou a adotar um tom entusiasta e tranquilizador.

Rossi é então convencido de que a experiência está em boa via, visto que as notícias que o alcançam da Cecília são as mais encorajadoras. Dante Venturini, um colono originário de Cecina, encanta-se com o que encontra chegando ao local no dia 3 de abril de 1891 e conta isso em uma carta que escreve a Rossi e que este publica durante sua permanência na Itália, em anexo à edição de 1891 de seu romance *Un Comune Socialista*:

*"Vocês não podem acreditar o quanto é boa a nossa situação, que vai melhorando sempre mais. Além do mais, temos uma água excelente, enfim, tudo é melhor do que o Dr. Rossi nos havia descrito. Quanto aos animais selvagens, nós ainda não vimos nenhum, exceto um pequeno macaco que foi morto por um dos nossos companheiros. Por ora, os nossos alimentos são: arroz, feijão, polenta, porco, carne de vaca, salame, café, leite, tudo em grande abundância.*

*O pão é pouco, porque é preciso comprá-lo, mas assim que*

*nós encontrarmos o material e a cal para fazer um forno, então deixaremos de comer polenta e passaremos ao pão."*

A propaganda levada por Rossi é eficaz e os colonos que ele recruta na Itália chegam, como Venturini, ao longo do ano de 1891. Eles começam a deixar a Itália no início de 1891. Em fevereiro, vários grupos embarcam em Gênova em direção a Palmeira. Seis famílias originárias de Livorno partem no dia 3 de fevereiro de 1891, no navio Vittoria. Entre eles está Eugenio Lemmi. Um segundo grupo, mais numeroso, dezesseis famílias e alguns solteiros, originários de Cecina, Gênova, Turim, Milão e Brescia, embarca no dia 14 de fevereiro de 1891. No dia 10 de março, é a vez de treze famílias e sete homens solteiros de Florença, Poggibonsi, La Spezia e Milão. Francesco e Argia Gattai, os avós de Zélia Gattai, e suas crianças, fazem parte desse grupo que viajou no dia 10 de março de 1891<sup>5</sup> - e, portanto, não partiram a bordo do Città di Roma, contrariamente ao que ela diz em seu livro de memórias, *Anarquistas, Graças a Deus*. Essa observação não diminui em nada o valor do testemunho de Zélia Gattai e a carga emotiva que contém o relato, particularmente comovente, que ela faz da viagem de seus avós: a última criança da família Gattai, um recém-nascido, morre de fome na chegada ao porto de Santos. Outros pequenos grupos partem ainda no dia 28 de março, no dia primeiro e 23 de abril. Cada grupo parte com sementes, utensílios e instrumentos de trabalhos, alguns dos quais provenientes do Museo Civico, de Gênova, e do jardim botânico da Universidade de Pisa. Levam também duas caixas de "bons livros" coletados pelos socialistas de *Critica Sociale*. Os colonos recrutados por Rossi tinham sido precedidos por algumas famílias de camponeses chegados logo após a partida de Rossi. Ele é informado por Grillo, que lhe escreve de Palmeira em janeiro de 1891. A carta de Grillo aparece também em anexo na edição de 1891 de *Un Comune Socialista*:

*"No dia 31 de dezembro, chegou aqui repentinamente o companheiro Artusi com duas famílias, esses também companheiros;*

---

<sup>5</sup> Cópia do interrogatório de Francesco Gattai por um funcionário da polícia de Gênova, 27 de novembro de 1902, Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 2307, fascículo Francesco Gattai.

*entre grandes e pequenos são treze pessoas: eu os fiz conduzir à Colônia, onde eles se acomodaram o melhor possível, enquanto se constróem novas casas. As duas famílias de Roncadelle estão já em Montevidéu, e esperamos que daqui a uns quinze dias eles possam estar aqui."*

Os nomes dos colonos que foram chegando sucessivamente à Cecília estão longe de ser todos conhecidos. A partir dos textos de Rossi, das correspondências de Cappellaro e dos arquivos de polícia que contêm algumas informações, uma lista, muito incompleta, pode ser elaborada (ver em anexo). Não obstante, é impossível dar para cada membro a data na qual entrou na Cecília e a data na qual partiu dali. É necessário observar, a esse propósito, que os nomes citados por Newton Stadler de Sousa, no seu livro *O Anarquismo da Colônia Cecília*: Artuzzi (Artusi), Mezzadri, Codega, Romani, Minardi, Dusi, Zilli (Celli?), Vercezzi, Todeschini, Tranquillo, Agottani, não podem ser, contrariamente ao que ele afirma, os nomes das famílias partidas de Gênova no dia 15 de novembro de 1890, a bordo do navio Florio Robatino. Florio Robatino, na realidade Florio e Rubattino, é o nome de uma companhia de navegação e não de um navio. Os Artusi, e duas ou três outras famílias, partiram, muito provavelmente nessa data, visto que é certo que eles chegaram ao local em dezembro do mesmo ano. Para o restante, Newton Stadler de Sousa baseou-se, provavelmente, nos testemunhos ou em informações de segunda mão, que o conduziram a imprecisões que, quando se acumulam, conduzem a absurdos. Esse tipo de conduta, infelizmente muito freqüente na historiografia da Cecília, não dão aos testemunhos recolhidos seu verdadeiro valor.

As chegadas sucessivas, em pouco tempo, levam a população da Cecília a mais de 150 membros, segundo Rossi, e a 200, segundo Amilcare Cappellaro, o correspondente de *La Révolte*. A colônia atinge, em todo caso, em maio de 1891, a cifra mais elevada de sua história. Pode-se, aliás, calcular que, se todos os colonos anunciados houvessem chegado ao seu destino, a colônia deveria ter chegado a 250 membros em junho. A colônia não resiste a esse afluxo maciço, como escreve Rossi no seu balanço de 1893:

*"Esse afluxo repentino foi desastroso. Muitos desses colonos não estavam habituados à rude vida dos pioneiros; eram na maior*

*parte operários da indústria que, naturalmente, não encontraram na colônia os instrumentos e as matérias primas necessárias para trabalhar com proveito; alguns não eram nem mesmo habituados a ter uma atividade média."*

A miséria se instala, as condições de vida são insuportáveis: os colonos se amontoam nas barracas construídas no início de 1891, a alimentação é insuficiente. Cappellaro escreve em outubro de 1892 que "os alimentos diminuía a cada dia, e chegou-se a passar fome, com as angústias associadas à luta pela existência; imaginem que em uma só semana, foi preciso matar dez vacas." Para atender às suas necessidades, a colônia envia alguns de seus membros, "uma equipe muito numerosa", para trabalhar nas estradas do governo. Os alimentos são comprados a crédito dos comerciantes da vizinha Palmeira, e esse crédito é garantido pelos ganhos que chegam todo dia dos colonos que trabalham nas estradas. Os esforços continuam, entretanto, para desenvolver a comunidade: extensão da superfície da horta, cercado para os animais de criação, produção de tijolos, trabalhos agrícolas, construção de barracas para habitação. O ideal continua a animar os jovens que "freqüentemente, com a barriga vazia, apoiavam-se na enxada e olhavam balançar ao vento a grande bandeira vermelha e preta, levantada no alto de uma palmeira, e diziam entre eles, brincando: de um pouco de polenta e um pouco de ideal se pode viver." Mas esse ideal está longe de ser atingido na prática. Alguns desentendimentos já se haviam manifestado entre os camponeses que tinham chegado em janeiro de 1891 e os primeiros colonos, "por causa das diferenças nos métodos de trabalho e da tendência que eles tinham (os camponeses) de querer fazer prevalecer as suas concepções". Desde que a colônia ultrapassa os 150 membros e que a miséria se instala, esses desentendimentos se acentuam. O egoísmo se manifesta entre os colonos: "certas famílias comiam enquanto outras jejuavam". A anarquia está nesse período "intelectualmente prostituída", segundo os termos de Rossi. "A ditadura e o parlamentarismo substituem os princípios anarquistas, os colonos estabelecem um "sistema grotesco de referendun" e perdem seu tempo e suas energias em "assembléias inúteis, onde não saem mais do que promessas não cumpridas, ambições mal dissimuladas e falatórios ridículos". Entre os colonos que, entretanto, se dizem todos anarquistas, projeta-se a figura de um chefe, "aquele que se impôs como administrador" e que Cappellaro definiu como "um protetor que tinha o bom coração de

prometer, mas que não tinha a energia nem a memória necessárias para manter". Em uma carta de Giovanni Rossi a sua família, datada de outubro de 1891, entende-se que esse "gerente" é Achille Dondelli<sup>6</sup>. O rumo que toma a organização da Cecília, a miséria da qual sofrem seus membros, a conduzem à dissolução. A crise se concretiza na metade de junho de 1891, quando "sete famílias, entre as quais duas das que chegaram no início, apoderam-se dos animais da colônia". As outras famílias se dispersam, todos encontram trabalho em Curitiba. Os Gattai fazem parte dessas famílias que deixam muito rapidamente a colônia. Eis o que declara Francesco Gattai a um funcionário da polícia em Florença, em 28 de novembro de 1902:

*"Eu deixei a Itália em 1891 e me dirigi para a América do Sul, com a intenção de me associar, em Palmeira, a uma colônia experimental fundada sobre bases socialistas. Eu cheguei de fato lá, mas a colônia, nascida sob os auspícios do Dr. Giovanni Rossi e outros, funcionou mal e, ao final de três meses, ela se dissolveu."*<sup>7</sup>

Algumas famílias escrevem um texto para explicar sua partida. O conteúdo desse texto, que não chegou até nós, é comentado por Rossi na carta que ele envia a sua família em outubro de 1891. Para ele, a crise da colônia, à qual ele não assistiu, visto que estava na Itália, deve ser imputada às pessoas que a compõem e não à experiência em si mesma:

*"A brava gente de Cecina escreveu para justificar a sua deserção da Colônia. Não é verdade que a crise tenha acontecido por causa da miséria, porque, uma vez pagas todas as dívidas, as contas ficaram equilibradas, sem falar dos animais de criação (do valor de mil liras mais ou menos), dos quais se é abusivamente, mas*

---

<sup>6</sup> Carta de Giovanni Rossi de 17 de outubro de 1891, Arquivos particulares Pardini, citada por Marcello Zane na sua intervenção no colóquio sobre Giovanni Rossi, realizado na Biblioteca Franco Serantini de Pisa, no dia 27 de março de 1993.

<sup>7</sup> Cópia do interrogatório de Francesco Gattai por um funcionário de polícia de Florença, 28 de novembro de 1902, Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 2307, fascículo Francesco Gattai.

*legalmente, apropriado o grupo das primeiras famílias que chegaram no local. É verdade que a família Dondelli se havia imposto e fazia a lei, mas as pessoas de Cecina, assim como as outras, ao invés de eliminá-la, a idolatravam. É verdade que alguns comeram até a barriga estourar e fizeram provisões de alimentos por dois ou três dias.(...) É verdade que, nos últimos dias, a fome tinha se feito sentir novamente, mas não porque os meios faltavam, e sim porque o indispensável Dondelli não tomava providências a tempo de fazer as compras, porque as chuvas haviam estragado o moinho e porque as mulheres se recusavam a limpar os utensílios de cozinha e os homens se recusavam a levar a água para a polenta. É bem a prova que a culpa foi dos colonos e não da Colônia.(...) É verdade que em fevereiro, os animais destruíram as plantações (o milho e o feijão) por causa da negligência dos primeiros colonos, que não fizeram cercados suficientemente fortes e que não vigiaram a plantação como era necessário."*

A Cecília morre assim uma primeira vez. Ela ressuscita em junho de 1891 sob o impulso de sete jovens, dos quais Cappellaro cita os nomes: Cini Egisto (Egizio) de Livorno, G(iuseppe) Zerla de Milão, J(ean) Géléas de Brest, G(iuseppe) Maderna de Milão, A(ntonio) Massa de Turim, L(uiigi) Silano de Turim, J(ean) Saint-Pierre de Tarbes. A atividade que eles desenvolvem é tão importante, a coragem da qual eles dão prova é tão grande, que logo juntam-se a eles quatro famílias da colônia dissolvida (entre as quais provavelmente os Artusi). É nesse momento, em julho de 1891, que Rossi retorna de sua viagem à Itália. No número de maio de 1891 da revista *La Geografia per Tutti*, informa-se que ele devia retornar ao Brasil no navio *Adria*, que levantava âncora de Gênova no dia 30 de maio de 1891. A colônia, reconstruída sobre novas bases, conhece então quatro meses de relativa tranquilidade. Segundo Cappellaro, "a fraternidade (...) reina entre todos os colonos" e, para Rossi, a organização corresponde finalmente ao ideal comunista anarquista:

*"Por uma reação natural ao formalismo estéril e funesto do período passado, o grupo quis ser absolutamente inorganizado. Nenhum pacto, nem verbal, nem escrito, foi ali estabelecido. Nenhum regulamento, nenhum horário, nenhum cargo social, nenhuma delegação de poder, nenhuma regra fixa de vida ou de trabalho."*

A Cecília atravessa "um período muito simpático", apesar do "celibato forçado" e do fato que "a empresa tenha se tornado tão difícil". A colônia conta entretanto com poucos membros. Pode-se estimar sua população, durante esses quatro meses, em vinte ou trinta pessoas: Rossi, o único salvo do grupo dos pioneiros que chegaram em abril de 1890, os sete jovens citados por Cappellaro e quatro famílias. O texto que Rossi escreve em 1893 nos informa que, no fim de 1891, a colônia se repovoou novamente:

*"Em novembro de 1891, chegaram várias famílias de camponeses, em dois grupos sucessivos. O primeiro grupo, incitado à desconfiança pelos ex-colonos, um pouco assustado pela vivacidade dos anarquistas encontrados e, sobretudo, atraído pela sedução da propriedade individual, permaneceu somente alguns dias na colônia socialista e se transferiu em seguida para um outro lugar, onde cada família se estabeleceu por conta própria. O segundo grupo, que chegou alguns dias depois, permaneceu e deu um grande impulso aos trabalhos agrícolas."*

Numerosas são as vantagens que oferece para a Cecília a presença desses camponeses, originários da região de Parma, bem mais hábeis no trabalho agrícola que os outros colonos, operários da indústria. Rossi não poupa elogios em relação a eles:

*"Esses camaradas trouxeram à comunidade um enorme aumento de mão-de-obra. Foi nas mãos deles que o arado abriu os campos, até então incultos, para plantar as vinhas; foram seus braços robustos que abateram grandes extensões de floresta, para criar espaços para os cereais e as leguminosas; foi por obra deles que os animais tiveram seus estábulos e os campos, seu esterco fertilizante."*

Esta citação é retirada da correspondência que Rossi mantém em 1896 com Alfred Sanftleben, o qual publicou em 1897 todo o material que ele recolheu sobre a Cecília, compreendendo as cartas recebidas de Rossi. Muitas informações, que não aparecem nos relatórios de 1891 e de 1893, nem nos textos que Cappellaro enviou ao *La Révolte*, aparecem nessa correspondência. Nessas cartas a Sanftleben, Rossi se exprime mais livremente sobre o que provocou o fim da Cecília. Parece, assim, que a colônia tem dificuldades por causa dos camponeses, aos quais, aliás, Rossi

faz tantos elogios. Muitos entre esses são egoístas e sofrem de uma "mesquinha e de uma desconfiança ancestrais"; eles formam uma espécie de partido que se opõe constantemente ao resto do grupo. As rivalidades se alimentam das comparações entre os mais ardentes no trabalho e aqueles que têm uma produtividade menor. As comparações fazem-se, muito evidentemente, em desvantagem dos que não têm o hábito de trabalhar a terra. Apesar da partida de algumas famílias de camponeses, que se estabeleceram como colonos independentes em outras terras, o ambiente na Cecília é insuportável "por causa do controle que se exerce sobre o rendimento de cada um, um controle silencioso, ainda mais insuportável que o de um contramestre em uma oficina européia." "Como o direito à preguiça não existia realmente, a anarquia tinha se tornado uma simples palavra: viver na Cecília tinha se tornado para alguns moralmente penoso". Além do mais, as condições de vida materiais, apesar de todo o trabalho realizado por esses camponeses enérgicos, permanecem miseráveis. A colônia não se basta a si mesma e "no início de 1892, para auxiliar na manutenção cotidiana da comunidade, uma equipe muito numerosa trabalha nas estradas próximas às colônias". O próprio Rossi pensa em trabalhar fora da Cecília para ajudar a colônia a atender as suas necessidades. Em setembro de 1892, ele informa a seu amigo Vanzolini sobre sua intenção de se transferir a Castro, onde ele teria mantido uma farmácia, exercido seu ofício de veterinário e o magistério<sup>8</sup>. Essa atividade assalariada de Rossi torna-se ainda mais necessária quando os colonos perdem o trabalho nas estradas do Estado, em setembro de 1892. As advertências que Cappellaro faz chegar por intermédio do *La Révolte* àqueles que desejam alcançar a Cecília, testemunham essas dificuldades materiais:

*"Eu advirto os que desejam fazer parte da colônia, que eles devem estar convencidos de que lá não há ainda abundância: os que para lá se dirigem devem se decidir a fazer grandes sacrifícios na espera das colheitas.*

---

<sup>8</sup> Giovanni Rossi a Vanzolini, dias 10 e 27 de setembro de 1892. Essas duas cartas de Rossi a Vanzolini estão conservadas no Arquivo Ermenbergo Pellizzetti e são reproduzidas parcialmente por Beatriz Pellizzetti em *Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional. Estudo de caso*. Estante Paranista, vol.13, 1981.

*No momento, a alimentação, que por economia se prepara em comunidade, deixa muito a desejar: ela é formada principalmente de arroz, feijão, toucinho, legume, farinha de mandioca e de milho, carne e café."*

Poucos são aqueles que resistem a essas condições de miséria e às dificuldades da vida em comunidade. Em abril ou maio de 1892, e provavelmente bem antes, não havia mais, segundo Cappellaro, que quarenta pessoas na colônia. É nesse momento que retomam os esforços de propaganda para fazer vir novamente colonos à Cecília, como testemunha uma série de artigos que Rossi publica nesse momento: em junho de 1892, na *Critica Sociale* e no *Verona del Popolo*<sup>9</sup>, em julho, em *La Révolte*. É também nesse momento que Cappellaro, que se reúne à colônia somente no fim de 1892, se empenha, a pedido de Rossi, em recrutar novas famílias na Itália. Ele se dirige a Andrea Costa, em um tom muito insistente, pedindo a ele para intervir junto à Società Navigazione Generale Italiana. Ele queria que os novos colonos da Cecília pudessem trazer, sem ter que pagar excedente de bagagem, as ferramentas de que precisavam. Cappellaro cita, em particular, um arado e uma serra circular de fita<sup>10</sup>.

Um episódio desagradável vem comprometer a boa reputação que tinha tido até então a Cecília. Antigos colonos, entre os que haviam deixado a colônia após a crise de junho de 1891, são presos por roubo. Deixemos o cônsul italiano de São Paulo nos narrar o episódio:

*"Por volta do início do mês de outubro (1892), a polícia local efetuou a prisão de uma verdadeira quadrilha de ladrões e malfetores, quase todos anarquistas italianos; suas casas foram revistadas e ali foi apreendida uma grande quantidade de objetos*

---

<sup>9</sup> O artigo de *Verona del Popolo* é citado por Emilio Franzina em sua obra *Merica! Merica! Emigrazione e Colonizzazione nelle Lettere di Contadini Veneti in America Latina, 1876-1902*. Milano, Feltrinelli, 1972.

<sup>10</sup> Amilcare Cappellaro a Andrea Costa, Sampierdarena, 31 de maio de 1892, Biblioteca Comunale d'Imola, Carte Costa, n. 1332. Esta carta nos foi amavelmente fornecida por Pier Carlo Masini.

*roubados, tais como retalhos de flanela de algodão, vinhos estrangeiros, etc. Entre os detidos, encontram-se os nomes de Lemmi Eugenio e sua mulher, a mulher de Arnaldo Gattai que, avisado a tempo, conseguiu escapar, Adelina Gattai<sup>11</sup>, Novelli, Tomei, Crollanti, Balilla. A polícia está na pista de outras pessoas que serão facilmente detidas nos próximos dias."<sup>12</sup>*

Algum tempo mais tarde, Eugenio Lemmi, condenado a oito anos de prisão, continua preso, ao passo que as duas mulheres são libertadas e Gattai continua foragido. Esse episódio é dos mais nocivos à colônia, que vê diminuir o respeito e a simpatia da qual ela desfrutava, até junto às autoridades brasileiras que, contrariamente ao que afirma o agente consular italiano em Curitiba<sup>13</sup>, não manifestavam, até então, nenhuma reserva, e nenhuma desconfiança em relação à Cecília. Giovanni Rossi conta a seu irmão e sua irmã, Sestilio e Properzia, em uma carta datada de 12 de janeiro de 1893, que não se poupam os boatos após o episódio do roubo. Tanto mais que, no mesmo período, os membros da Cecília são acusados de serem os incitadores de uma sublevação de colonos poloneses e italianos da região de Palmeira, que não receberam o dinheiro que lhes era devido há meses. Não convém a Rossi que os colonos da Cecília passem por provocadores de motim. A notícia de que o governador do Paraná recomenda às autoridades italianas de vigiar a Cecília, torna-o furioso, como ele diz a seus irmãos em janeiro de 1893. Essa recomendação do governador é de qualquer forma inútil, visto que nós sabemos, pelos arquivos italianos, que a vigilância havia começado desde 1890. A Cecília se beneficia, no entanto,

---

<sup>11</sup> Arnaldo é o segundo nome de Francesco Gattai. Entretanto, sua esposa se chama Argia e não Adelina.

<sup>12</sup> Comte Rozwadowski no Ministero degli Affari Esteri, São Paulo, 20 de outubro de 1892, Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47.

<sup>13</sup> Cópia da relação do vice-cônsul enviada de Curitiba à legação da Itália em Petrópolis, 5 de maio de 1890, Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47.

do apoio da imprensa local, que conduz um vigoroso desmentido às calúnias da qual ela é vítima e que manifesta sua consideração por Rossi.<sup>14</sup>

No fim de 1892, a população da Cecília evolui ainda. Em *La Révolte* de julho de 1892, Cappellaro anuncia que catorze famílias, compostas de quinze homens, quinze mulheres e vinte e quatro crianças, vão deixar a Itália no dia 30 de agosto de 1892. Rossi confirma, sem precisar os nomes, a chegada dessas novas famílias à Cecília por volta do fim do ano de 1892. Ele nos dá também a cifra exata da população: no dia 31 de dezembro de 1892, a Cecília conta com sessenta e quatro habitantes. As cinquenta e quatro pessoas anunciadas por Cappellaro não chegaram todas, portanto, à Cecília, que deveria, se isso tivesse acontecido, contar com quase cem habitantes. Todavia, é possível que essas pessoas tenham efetivamente chegado e depois partido muito rapidamente, ou ainda que a vinda delas à Cecília tenha coincido com a partida de outros membros. Na história da Cecília aconteceu várias vezes que as pessoas esperadas se detivessem no caminho. O caso se repete também em 1893. Rossi faz menção, em uma carta a sua família, a seis famílias, que, parece, nunca chegaram à Cecília. Um outro caso tinha sido relatado por Eugenio Lemmi, um dos colonos que partiram no dia 3 de fevereiro de 1891. Na sua chegada em Curitiba, em 15 de março de 1891, Lemmi escrevia a Giovanni Rossi que uma das famílias que tinha viajado com ele, não tinha tido a paciência de esperar com os outros para ser conduzida à Cecília.

Os recém-chegados se chocam com o grupo de camponeses de Parma, chegados um ano antes, e as rivalidades que se manifestaram no período precedente continuam. As opiniões de Cappellaro e de Rossi sobre a atmosfera da Cecília durante esse período são bastante abrandadas, mas parece que os colonos da Cecília tinham finalmente encontrado um *modus vivendi*. Novas defecções ocorrem entretanto, visto que, segundo o representante das autoridades italianas no Paraná, existem aproximadamente

---

<sup>14</sup> Ver o artigo do jornal de Curitiba, *Diário do Comércio*, de 22 de dezembro de 1892, consagrado à colônia Cecília, que aparece em tradução alemã na seleção de documentos publicada por Sanftleben.

cinquenta pessoas na Cecília em fevereiro de 1893<sup>15</sup>. É também a cifra que dá Rossi para o mês de maio do mesmo ano, em uma carta a Sanftleben. Quanto a Cappellaro, se ele insiste ainda sobre a miséria que reina na aldeia *Anarquia*, então composta de vinte e duas casas, e sobre os problemas ligados ao número desigual de homens e mulheres, ele escreveu todavia:

*"Quanto à moral dos indivíduos, nós podemos francamente dizer que melhorou muito, seja pela sociabilidade como pelo espírito de boa vontade para com seus semelhantes, tolerando-se mutuamente os defeitos que cada um herdou, enfim nós vivemos todos em boa harmonia, bem melhor que em uma só família da sociedade burguesa. Existem ainda muitos preconceitos para extirpar, mas, o que vocês querem, não se pode fazer tudo de uma vez."*

1893 é o ano dos balanços: relatórios, semelhantes aos que apareceram no *La Révolte*, são publicados por vários jornais anarquistas através do mundo: *Il Grido degli Oppressi* de Chicago, em janeiro e fevereiro de 1893; *El Perseguido* de Buenos Aires, em janeiro de 1893; *L'Eco del Popolo* de Cremona, em fevereiro de 1893. É também em 1893, mais exatamente em abril, no momento em que ele está certo de deixar a colônia, que Rossi redige seu balanço intitulado "*Cecilia, comunità anarchica sperimentale.*" O quadro que ele esboça é semelhante ao de Cappellaro. Encontra-se ali, entretanto, um tom desiludido que contrasta fortemente com o entusiasmo manifestado no primeiro balanço de 1891. Rossi deplora, por exemplo, a lentidão do processo de transformação comportamental dos colonos: a mentalidade que eles herdaram da sociedade burguesa demora para desaparecer. "A vida em comum", "a solidariedade de interesses" e "a aplicação prática do conceito de liberdade" contribuíram para transformar essa mentalidade, mas não impediram o que Rossi chama "os maus temperamentos" de se manifestarem:

---

<sup>15</sup> Comte Rozwadowski no Ministero degli Affari Esteri, São Paulo, 17 de fevereiro de 1893, Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47.

*"Na cozinha, vocês encontrarão, entre as mulheres, a gula, as invejas, a arrogância, as fofocas. Nos campos, um pouco de teimosia e um pouco de ressentimento contra aqueles que têm menos vontade de trabalhar; nas oficinas alguns episódios de rivalidade; nas famílias, muito egoísmo doméstico; em todos, um certo espírito de descontentamento, de desconfiança, de agressividade. De vez em quando, um lamento, uma reprovação, uma acusação; simpatias e antipatias; tendências a tomar partido."*

A brochura publicada em 1893 contém uma segunda parte intitulada *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecilia*. Esse capítulo é inteiramente consagrado a uma experiência de amor livre, no curso da qual Rossi estuda as reações e o comportamento de cada uma das três pessoas implicadas: Annibale, Elèda (anagrama de Adele) e o próprio Rossi, que se designa sob o seu pseudônimo de Cardias. Em novembro de 1892, uma jovem mulher, que Rossi havia encontrado em uma conferência que ele realizou em Curitiba, Adele/Elèda, chega na Cecília com seu companheiro Annibale. Entre Rossi e esta jovem mulher, sempre evocada em termos muito elogiosos, nasce logo uma grande simpatia recíproca. Annibale, que é consultado, deixa Elèda se juntar a Cardias na sua casinha. Não é sem choros, nem sofrimentos que se estabelece essa "família poliândrica". Se Rossi é feliz com esse episódio, tão útil para a experiência socialista, Annibale só consegue ultrapassar seus preconceitos e seu egoísmo à custa de grandes sofrimentos. Nas respostas ao questionário muito detalhado estabelecido por Rossi, o ciúme de Annibale aparece pouco e com delicadeza. Mas quando Rossi evoca o episódio algum tempo mais tarde, em uma carta a Sanftleben, ele se exprime mais livremente e dá informações complementares. Ele é então muito mais severo em relação a Annibale. Ele diz que o ciúme dele é baseado no egoísmo, no orgulho e na tolice e que é, aliás, por causa desse ciúme que ele não quis falar, na brochura de 1893, do terceiro homem da "família poliândrica", um jovem da Bretanha, Jean Géléac, "que ia morrer por ter-se entregue à masturbação por causa da preocupação das mulheres da colônia em preservarem suas honras". Nessa mesma carta, entende-se que Jean Géléac, o pai da primeira filha de Adele, Ebe, parte para um destino ignorado. Rossi concebe a sua brochura, *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecilia*, como um instrumento de propaganda contra esse inimigo secular que é a instituição familiar. Ele havia já abordado o problema em *Un Comune Socialista*, mas o tom que

ele emprega em 1893, após a experiência vivida da Cecília, é bem mais virulento:

*"Eu estou de tal forma convencido que a família é o maior foco de imoralidade, de maldade, de burrice, que, se me fosse dada a possibilidade de destruir, por escolha minha, um dos grandes flagelos humanos: a religião ou os gafanhotos, a propriedade privada ou a cólera, a guerra ou os mosquitos, o governo ou o granizo, os parlamentos ou as feridas, a pátria ou a malária, sem hesitar, eu escolheria destruir a família."*

Mesmo que a história de Rossi, Annibale, Adele e Jean Géleác, o jovem bretão, não se tenha desenvolvido de forma idílica, ela tem resultados concretos na vida da comunidade, uma vez que ocorre um outro episódio de amor livre, de "baccio amorfista", como Rossi prefere designá-lo. Na Cecília, o amor livre é não somente um meio de propaganda, mas é também um remédio à abstinência sexual à qual são obrigados os que vieram sem companheira. Com frequência, como em *L'Eco del Popolo*, em maio de 1892, os colonos se lamentam da falta de mulheres na colônia:

*"Nos aborrece um pouco a monotonia de sermos poucos, mas nos sustenta a esperança de que logo se juntem a nós muitos bons companheiros dos dois sexos, mas especialmente do belo sexo, que aqui nos faz falta."*

Cappellaro escreve, como em um eco: "o que nos aflige mais é nos ver tão pouco numerosos, mas espera-se a chegada de outros companheiros e sobretudo mulheres" e levanta novamente o problema na última correspondência que publica em *La Révolte*:

*O que nos atormenta mais, é que o amor livre não penetrou ainda no coração de nossas companheiras, o que produz muito aborrecimento aos que estão sós, e apesar disso ninguém faltou com o respeito com as mulheres. Nós estimamos muito que algumas mulheres convictas venham logo se juntar a nós.*

Os cronistas franceses da época fazem polêmica da leitura dessas frases, em particular nos números de fevereiro de 1893 de alguns jornais

parisienses: *Le Journal, Paris, L'Eclair, Le Journal des Economistes. La Révolte* comenta assim as reações que suscitam a publicação de Cappellaro:

*"(A carta de Cappellaro) continha uma confissão ingênua que, considerando-se o espírito burguês, não podia deixar de ser mal interpretada, e devia assim fornecer aos caluniadores a ocasião de dizer as maiores besteiras sobre a idéia anarquista. Também nossos jornais burgueses não perderam a ocasião e se atiraram em cima, como porcos sobre...uma pérola."*

Da parte dos anarquistas italianos, alguns, como o jornal *Sempre Avanti!* de Livorno, pensam que Cappellaro tinha simplesmente se expressado mal. Mas outros emitem críticas, em particular Malatesta que "segue com interesse as (...) tentativas de reforma dos costumes sexuais" que se deram na colônia, mas pensa que o amor livre, tal como foi praticado ali, não era mais do que promiscuidade. Rossi responde a todas essas críticas no *Sempre Avanti!*, explicando mais uma vez a sua concepção de amor livre e a forma pela qual ela é posta em prática na colônia. O problema da abstinência sexual forçada é tão crucial, que provoca uma crise no seio da comunidade, como relata Rossi a Sanftleben:

*"Com o grupo dos camponeses originários da região de Parma, chega uma jovem precoce, que se pôs a namorar com todos os homens da colônia. Resistir a ela era fácil para aquele que tinha uma companheira, mas os solteiros, que tinham vivido entre mulheres virtuosas durante dois ou três anos, em uma castidade obrigatória, não resistiram. Eu era um desses, porque Adele ainda não tinha chegado na colônia. Houve até dois ou três homens casados que caíram em pecado. Os burgueses do amor de barriga cheia, que não acreditam na fome, levantaram uma tempestade de indignação, e todos ficaram do lado deles."*

Essa passagem faz referência a um episódio que ocorreu forçosamente antes de novembro de 1892, uma vez que é nessa data que Adele chega na Colônia. Mas Rossi conclui essa passagem dizendo: "Isso se passou em maio de 1893, quando o número de habitantes da Cecília era já caído a 50. Eu considero que com isso a história da Cecília está terminada." Por essa frase Rossi parece querer dizer que a crise prosseguiu de forma irremediável

e causou a separação dos colonos em maio de 1893. Em todo caso, é certo que, nesse momento, em maio de 1893, Rossi deixa a colônia, visto que esta é a data que ele dá a Sanftleben.

Consoante algumas informações não confirmadas por Rossi, um outro acontecimento teria provocado o fim da colônia. Uma luta armada ocorre próximo ao local da Cecília, associando-a a um episódio da história do sul do Brasil, a Revolução Federalista. Essa "revolução" que estoura nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, opõe dois clãs, conduzidos por representantes de famílias oligárquicas, os Maragatos e os Picapaus. Os Maragatos são monarquistas, partidários da descentralização e, a longo prazo, da separação dos estados do sul do resto do país. São os "revolucionários" ou federalistas. Os Picapaus são partidários de um governo republicano forte e centralizado, como o que é instaurado após a proclamação da República, em 1889. São os governistas. Malatesta, que tentou se informar dos progressos da Cecília junto a Rossi e Cappellaro, com os quais ele havia tido contatos, não obteve resposta. Ele pensa, porém, que o fim da Cecília é ligado ao episódio da Revolução Federalista: Alfred Sanftleben - à procura de informações sobre a Cecília - escreve a Malatesta, que lhe envia duas cartas de Londres, em 23 de maio e 16 de agosto de 1895. Eis o que relata Malatesta sobre o episódio da Revolução Federalista:

*"Tudo o que eu sei se limita a isso: em consequência do movimento insurrecional do Paraná e por causa das simpatias que os colonos manifestaram em relação aos rebeldes, o governo brasileiro confiscou as terras da Cecília e expulsou os colonos."*

Esse confisco não ocorreu, uma vez que, como veremos, as terras da Cecília foram revendidas. Ela não pode, por conseguinte, ter provocado a dispersão dos colonos. Em contrapartida, é certo que, por ocasião da insurreição, alguns membros da Cecília tenderam para o lado dos "revolucionários", chegando mesmo a segui-los na luta armada. Newton Stadler de Sousa apresenta essa tomada de posição como uma reação à arrogância das tropas governamentais que, por ter a Cecília recebido a visita de um chefe da insurreição, tinham, em represália, saqueado as instalações da Cecília:

*"Os anarquistas, então, tomaram posição. Com sua comunidade destruída, com seus instrumentos de trabalho quebrados,*

*com o desânimo a marcar a fisionomia de cada colono, alistaram-se contra os legalistas os que não tinham qualquer destino profissional pela frente. (...) Os que se alistaram para lutar, fizeram-no pela rebeldia à atitude das tropas governistas. Nenhuma identidade ideológica com o movimento revolucionário em curso."*

Um historiador brasileiro, Glauco Carneiro, confirma no seu *História das Revoluções Brasileiras*, a participação dos colonos da Cecília na insurreição, mas com muito menos simpatia:

*"Dois batalhões estrangeiros participaram da luta, em favor dos maragatos. Um polaco (...) e outro italiano, do emigrado Colombo Leoni que, para hostilizar o país que o recebera, recrutara todos os agitadores que compunham a famosa colônia Cecília, organizada (sic) pelo Prof. Giovanni Rossi, milanês, de orientação nitidamente anarquista e com eles praticaram violências de toda espécie contra o patrimônio estadual.*

*Confessou Pinheiro Machado posteriormente, ao general Cândido Murici, que nenhum dos agitadores voltou às colônias de origem: a Divisão do Norte os dizimou sem piedade."*

Rossi, que também tomou parte na luta, insiste muito, em uma carta a sua família, sobre a ausência de engajamento político:

*"Aconteceu assim que, sem a menor simpatia por essa revolução, eu tomei parte dela na qualidade de capitano medico (!), mas com a condição de não ser obrigado a usar um uniforme, de não exercer nenhuma autoridade, nem ser a ela submisso.(...) Certamente, para nós socialistas, os dois partidos em luta se equivalem; os revolucionários se batem em nome da liberdade, as tropas governistas em nome da legalidade. Mas, na realidade, para os chefes dos dois partidos, trata-se somente de questões de interesse, de ambição e de vingança."*

É em termos de simpatia em relação a uns e de antipatia em relação a outros que se põe o problema. Segundo Newton Stadler de Sousa, existia "um cordial afeto recíproco entre Colombo Leoni e os anarquistas, afeto que se evidenciou também na presteza com que esse médico atendeu aos

doentes do crupe, durante uma de suas visitas. Em contrapartida, quando precisou do auxílio desses italianos, no Batalhão Ítalo-Brasileiro, o Dr. Leoni encontrou imediata colaboração, nas lutas da revolução federalista." Na "Crônica do Paraná" que ele escreveu para sua família, insistindo muito sobre as razões não ideológicas que o arrastaram nessa revolução, Rossi deixa transparecer sua simpatia para com os federalistas. Ele descreve as extorções cometidas pelos dois campos, com a precisão que lhe é costumeira, e alguns detalhes que se poderia considerar burlescos, se não fossem tão cruéis: relata-se, por exemplo, que os federalistas empregam três maneiras diferentes para degolar as pessoas, das quais uma consiste em pôr os dedos nas narinas da vítima, para lhe levantar bruscamente a cabeça e assim lhe cortar o pescoço! Mas ele acrescenta que para "compreender a crueldade" dos federalistas, é necessário saber que as tropas governistas tinham massacrado as suas famílias: sem chegar ao ponto de desculpar essa crueldade, ele a justifica implicitamente. Outro sinal dessa preferência, um dos chefes dos "revolucionários", Gumercindo Saraiva, vivendo entre seus soldados, sem preocupação com a hierarquia, é descrito de forma particularmente positiva. A participação de Giovanni Rossi nessa luta armada, mesmo enquanto médico (Giovanni Rossi era veterinário, mas escreve "quando não há cavalos, são os asnos que trotam".), só pode nos parecer muito estranha. Ele mesmo adianta toda crítica, uma vez que diz, não sem alguma ironia, que a proposta que se fez a ele, por ocasião da invasão de Curitiba pelas tropas "revolucionárias", de prestar gratuitamente assistência aos hospitais cheios de feridos, ainda que bizarra em qualquer época e para qualquer outro país, parecia "extremamente natural" para o Brasil desse período muito particular. Ele diz por outro lado: "Era uma obra humanitária e eu aceitei de boa vontade." Rossi não se limita a prestar assistência médica nos hospitais. Ele segue igualmente um batalhão ítalo-brasileiro, no qual ele tem amigos italianos. Esses iam partir sem médico, nem ambulância, e a idéia de que eles poderiam ser feridos ou ficarem doentes sem ser socorridos, fazia-o sofrer. Giovanni Rossi esclarece ainda que não recebe dinheiro em compensação de seu trabalho, mas que obteve o compromisso do atendimento das necessidades dos seres caros (Adele e as crianças) que ele deixa em Curitiba. Se ele colabora nesse episódio de luta armada no Paraná, é porque ele não encontrou trabalho estável após ter deixado a Cecília, em maio de 1893. A pequena destilaria que havia instalado em Curitiba vai à falência, por causa de uma crise econômica que atingiu numerosos pequenos empresários. Pela fama que tinha adquirido

nessa cidade, ou pelas muitas vezes que havia feito conferências sobre o socialismo<sup>16</sup>, ele tem dificuldades para encontrar um emprego, porque ninguém quer, diz ele, "empregar o Doutor Rossi como servente". O engajamento de Rossi é, portanto, humanitário, mas também alimentar, visto que encontra, assim, momentaneamente, solução para a questão do seu desemprego. Os representantes do estado do Paraná não se preocupam em saber quais foram as motivações de Giovanni Rossi. De fato, quando as tropas federalistas bateram em retirada em direção ao Rio Grande do Sul, Giovanni Rossi, que se recusou de segui-los para não se afastar dos seres que lhe são caros, é constringido a se esconder para escapar à repressão e declara, em uma carta a sua família de julho de 1894, apreciar a proteção do representante consular italiano:

*"Eu fiquei algumas semanas na casa do Dr. Grillo, em Palmeira, depois dois meses como convidado na colônia Cecília. Faz dois dias agora que eu voltei à Curitiba, onde eu me encontro escondido na casa de amigos seguros, até que termine o período de repressão brutal e o estado de sítio em que nós nos encontramos atualmente.*

*Vocês vêem que eu descrevo a situação com toda sinceridade; mas sobretudo não se preocupem, porque eu não estou gravemente comprometido; o agente consular protege eficazmente os italianos e conseguiu que nenhum deles fosse fuzilado."*

Em uma de suas cartas a Sanftleben, Rossi alega não saber o que se passou na Cecília, após o mês de maio de 1893. Essa afirmação surpreende, considerando-se que ele passou ali dois meses como convidado. Ele conta, entretanto, a Sanftleben que um pequeno grupo constituído pelos últimos colonos que ali chegaram (os de novembro de 1892) permanece na Cecília após maio de 1893, mas não tendo podido resistir às tensões que envenenam a vida da comunidade, esse pequeno grupo é substituído por um outro no

---

<sup>16</sup> O jornal socialista *A Voz do Povo* anuncia, por exemplo, uma conferência sobre o direito e a justiça do socialismo moderno, no dia 28 de agosto de 1892, no teatro Hauer de Curitiba. Esse anúncio é citado por Eric Gordon em sua tese de doutorado, *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*, defendida em Tulane University, em 1978.

fim de seis meses. Novamente, as rivalidades tomam uma tal amplitude que os últimos colonos são obrigados a se separar em abril de 1894, quando "o ativo da Cecília (é) vendido a um grupo desses camponeses de Parma que tinham provocado a crise". Segundo Newton Stadler de Sousa, foram as famílias Agottani, Mezzadri e Artusi que permaneceram no local da Cecília. Precisamos que as famílias Artusi e Agottani são mesmo originárias de Parma, enquanto os Mezzadri são de Cremona. Segundo o número de 1932 da revista *Quaderni della Libertà*, são os camaradas Colli, de La Spezia e Agottani que exploram as terras da antiga colônia e, enfim, segundo Helena Mueller, são os Artusi que resgatam as terras, enquanto os Agottani trabalham no comércio em Palmeira. É necessário notar que a ou as famílias que retomaram as terras da Cecília se saíram melhor do ponto de vista financeiro que os colonos. É o que faz pensar o jornal anarquista francês *Les Temps Nouveaux*, em 1895, segundo uma entrevista feita em Curitiba, pelo seu correspondente Félix Hébert com Giovanni Rossi. Após algumas linhas retratando as decepções da colônia, pode-se ler: "alguns maus caracteres compraram tudo e se tornaram em seguida grandes proprietários". É necessário acrescentar, igualmente, que, em 1915, as autoridades italianas no Brasil destacam que os Agottani chegaram a uma certa riqueza graças a sua fazenda<sup>17</sup>.

É impossível afirmar que um acontecimento específico tenha provocado o fim da Cecília. Esse fim é devido mais a um conjunto de fatores convergentes: a miséria que a colônia sofreu ao longo de toda a sua existência, o excesso de trabalho, o ambiente econômico desfavorável, a discórdia, as incompatibilidades de gênios e as dificuldades de pôr em prática os princípios comunistas anarquistas. Para Rossi, entretanto, a experiência não foi negativa. Segundo os objetivos que ele havia fixado, tratava-se de estudar os comportamentos humanos em comunidade, de oferecer dados reais à propaganda, para demonstrar que as idéias defendidas pelos comunistas anarquistas podem ser postas em prática, e de ajudar financeiramente a propaganda na Europa. Estava-se longe de ter atingido esse último objetivo; mas para o resto, em todos os seus textos posteriores

---

<sup>17</sup> Legação da Itália no Ministero degli Affari Esteri, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1915, Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 31, fascículo Aldino Agottani.

à Cecília, Rossi mostra claramente que ele acredita na validade da experiência do ponto de vista científico. Ele também nunca põe em dúvida o sucesso da experiência no plano político. Para ele, é mesmo o comunismo anarquista que foi instaurado na Cecília: ele considera, no seu balanço de 1893, que a experiência de vida, fora da influência de toda lei e de toda autoridade, pôde ser realizada com mais de trezentas pessoas que viveram mais ou menos longamente na Cecília. A população da Cecília certamente nunca atingiu um tal número. Para chegar a trezentos, Rossi fez o total de todas as pessoas que passaram pela Cecília. Mas os colonos não são os mesmos durante toda a experiência; a colônia viveu um renovamento constante de seus membros, que não permanecem, na maior parte dos casos, mais do que um período muito curto. Quando se sabe que a Cecília não teve uma população superior a cento e cinquenta ou talvez duzentos membros (ver em anexo o quadro estimativo da população da Cecília), é fácil imaginar seu grau de instabilidade. No seu balanço, Rossi não leva em conta essa grande instabilidade, nem a fraca capacidade da Cecília de reter os colonos. Durante seus quatro anos de vida, a colônia conheceu numerosas partidas e desistências, após uma permanência freqüentemente muito breve. A desistência mais marcante é a das cento e cinquenta pessoas que deixam a colônia em junho de 1891. É necessário frisar também que aqueles que acompanharam Rossi na primeira viagem, partiram muito rápido: um único pioneiro resiste à crise de junho de 1891, o próprio Rossi, que, aliás, só retorna em julho de sua viagem à Itália. Outro aspecto negativo que Rossi negligencia, é o fato de que numerosas pessoas que foram anunciadas, nunca chegaram. A colônia tem, portanto, pouco poder atrativo. Rossi também não vê fracasso no fato da Cecília ter durado tão pouco tempo. Ele apresenta, aliás, cifras diferentes segundo o período no qual escreve: três anos, em 1895, em um texto intitulado "Il Paraná nel XX secolo"; dois anos, em uma carta a Luigi Molinari, que este publicou na revista milanesa *Università Popolare*, em janeiro de 1917. Ele prevê, além disso, a crítica que não se deixará de fazer a ele pela breve duração da experiência, e responde a isso com argumentos no mínimo discutíveis:

*"Otto von Guericke não passou toda a vida a puxar os célebres hemisférios sobre a praça de Magdeburg; assim como Galileu não se debruçou a observar todos os dias a oscilação de uma lâmpada na catedral de Pisa.(...) Eu sei que para o povinho intelectual (...), se a Cecília devesse desaparecer, a demonstração não seria*

*persuasiva, porque não contínua. Mas para os homens inteligentes e de boa fé, que apreciaram a sinceridade desta narração, onde nada de bom é aumentado, onde nada de mal é piedosamente velado, espero que a nossa convicção tornar-se-á a deles."*

Rossi não é mais exigente no plano político. Ele escreve a Luigi Molinari em 1917:

*"Para mim, que participei da colônia, ela não foi um fiasco. Ela se propunha um objetivo de caráter experimental: ver se os homens de hoje são aptos a viver sem leis e sem propriedade privada. (...) A Colônia Cecília mostrou que uma centena de pessoas em condições econômicas muito desfavoráveis, tinha podido viver dois anos, com pequenos contrastes e com recíproca satisfação, sem leis, sem regulamentos, sem chefes e sem códigos, em uma propriedade coletiva, trabalhando espontaneamente em comum.(...)*

*Nós a dissolvemos porque não havia os meios necessários para desenvolvê-la e também porque se estava cansado daquela solidão. Para nós, o experimento tinha sido feito e isso bastava."*

O advérbio "espontaneamente" parece ainda por cima mal escolhido, se se pensa nos numerosos confrontos que opuseram os camponeses aos operários, em relação aos métodos de trabalho. Nesse balanço que data de 1917, as dissensões são encobertas na lembrança, a duração da vida da Cecília é reduzida a dois anos, o que elimina os períodos mais caóticos, a população é fixada em cem pessoas, o que corresponde à realidade, mas somente por um período muito curto. O balanço sofreu alguns embelezamentos com o tempo. Entretanto, desde 1893, em um relato que não esconde nada das dificuldades encontradas, Rossi tira as mesmas conclusões. Ele enumera nesse texto todas as razões que levaram as pessoas a deixarem a colônia: a miséria, o ciúme, o alcoolismo, o ressentimento da parte das famílias que partiram com as armas na mão. Apesar da violência, da incompreensão que marcaram longos períodos da colônia e que ele expõe longamente, ele afirma que nunca os princípios anarquistas foram a causa de uma partida. Mas Rossi evita o problema, porque, na realidade, a dificuldade não foi a do respeito aos princípios anarquistas, mas a da própria instauração deles. Os princípios anarquistas não são uma causa de partida em si, porque deixar a colônia não quer dizer renunciar às teorias abraçadas

na Itália. Em compensação, deixar a colônia porque não se concorda com os métodos de trabalho, porque uma garota semeou o pânico nos lares, partir armado, levando os animais da comunidade, tudo isso demonstra que as teorias comunistas anarquistas sobre as quais deveria repousar a colônia não foram postas em prática. É claro que nesse texto de abril de 1893, redigido quando ele certamente já havia pensado em partir, Rossi se esforça em fazer um balanço positivo, com o risco de se mostrar incoerente. De fato, em um artigo escrito algum tempo antes do texto de abril de 1893 e que apareceu no jornal de Livorno, *Sempre Avanti!*, um membro da Cecília que se apelida C... Zappaterra (da colônia Cecília), talvez o próprio Rossi, não hesita em dizer claramente que o objetivo está longe de ser atingido:

*"Nós sabemos que não é ainda a hora de anunciar conclusões definitivas, mesmo que seja fácil e natural para nós viver sem propriedade capitalista e sem autoridade interna de nenhum tipo. É necessário, para começar, que nos tornemos suficientemente numerosos; que possamos gozar de um bem-estar, ao menos igual ao que se pode gozar nos centros burgueses vizinhos; que consigamos encontrar na nossa vida de todos os dias relações pessoais e coletivas tais que a permanência na Cecília seja agradável para todos. Trabalhamos com esse objetivo, mas ainda não o atingimos; por isso, não temos ainda o direito de apresentar a Cecília como um argumento de propaganda."*

Mergulhado na sua idéia de realizar seu projeto a qualquer preço, Rossi pouco se preocupou em saber se as pessoas que embacaram na aventura com ele, tinham os mesmos objetivos políticos que os seus. Alguns eram anarquistas convictos, mas não é certo que todos os colonos da Cecília eram anarquistas. Os que partiram com as armas na mão ou os que se agarraram à pessoa de Rossi, avaliando que ele os havia enganado, não vieram pelas mesmas razões que ele, que Cappellaro ou que alguns outros. Eles não tinham nem mesmo as mesmas convicções. Certamente, para Rossi, não é fácil aceitar a idéia de que o projeto pelo qual ele se bateu durante toda a primeira parte de sua vida, acabou finalmente em não mais do que um embrião de vida comunitária. E sua recusa manifesta de admitir que a experiência acabou em fracasso, mostra que o desafio lançado é mais um desafio pessoal que um desafio político e que ele se comporta - mais que cientificamente - passionalmente, querendo satisfazer seus caprichos e suas

curiosidades e não como um homem de ação que luta por uma sociedade melhor. É, ademais, a censura que o socialista Camillo Prampolini fazia a Rossi desde janeiro de 1885, em uma carta publicada em *La Favilla* de Reggio Emilia, quando a colônia experimental não era ainda mais do que um projeto:

*"A idéia dessa colônia me parece mais a de um cientista, de um amador que quer seguir seus caprichos e satisfazer sua curiosidade, mais que a de um homem de ação que, convencido da utilidade de uma sociedade organizada segundo os princípios socialistas, tende a provocar essa transformação."*

Se a experiência não é concludente do ponto de vista científico e político, no plano financeiro ela é desastrosa: a miséria reinou durante quatro anos na Cecília. Longe de poder ajudar a propaganda na Europa, como havia anunciado Rossi, a Cecília nunca chegou a garantir a si mesma as suas necessidades. Desde o início, os homens deviam trabalhar fora da colônia, nas estradas do governo, para comprar alimentos. Nos dois balanços financeiros da Cecília dos quais nós dispomos, o do texto de 1893 e o de *La Révolte*, de outubro de 1892, a rubrica "dívidas com os fornecedores" indica uma soma pouco inferior à da rubrica "crédito junto ao governo brasileiro para trabalhos". Imputa-se freqüentemente a falência financeira da Cecília ao fato de que ela deveria pagar suas terras ao governo. Entretanto, desde que os terrenos a cultivar lhes foram concedidos, os colonos sabiam que deveriam pagá-los, mais cedo ou mais tarde. Rossi conta que, em abril de 1890, eles conseguiram um terreno de 10 quilômetros quadrados "ao preço médio de quinze liras pagáveis a crédito." Trata-se portanto de um pagamento diferido e esquece-se amiúde de acrescentar que, ao invés de dar dinheiro ao Estado, é o Estado que dá dinheiro à colônia durante o primeiro ano. "A colônia, no mês de maio de 1891, era composta de 200 pessoas e recebia todos os meses da administração das colônias, 2884 francos, como todas as outras colônias durante o primeiro ano", nos diz Cappellaro em *La Révolte*, em outubro de 1892. A colônia se beneficia também do apoio do governador do Paraná, que obtém da secretaria de colonização, uma subvenção para a Cecília. A rubrica "dívidas junto ao governo do Brasil para terrenos a pagar em sete anos, segundo o ato de 19 de outubro de 1892", aparece no balanço de dezembro de 1892. Constata-se ali que a soma a pagar ao Estado corresponde a nada mais que a metade

das dívidas junto aos fornecedores. As despesas alimentares são, portanto, muito mais importantes que o reembolso das terras. Ainda, conforme precisa Cappellaro em um número de fevereiro de *La Révolte*, um prazo de cinco anos é concedido:

*"O governo do Brasil nos cedeu este terreno, como para todos os colonos, com a única condição do pagamento após cinco anos, mas, quanto a isso, nós temos tempo; nós não pagamos nenhum imposto, nós não temos nada a ver com as autoridades do país, nem para o serviço militar, nem para outra coisa, salvo para receber o pagamento pelos trabalhos que nossos colonos fazem nas estradas por sua conta."*

Um acontecimento, anunciado em *La Révolte*, agrava ainda mais a situação financeira difícil da Cecília. Um roubo é cometido por volta do mês de outubro de 1892, por um espanhol, "pequeno ladrão de ofício" que deixou a colônia, levando a soma de 500 réis, quer dizer, um nono da soma correspondente às dívidas junto aos fornecedores, em dezembro de 1892: 4.663,820 réis. A ajuda externa é indispensável para fazer viver a colônia. E ela se lança até mesmo na empresa perigosa de vender ações "de 25 francos, cada uma reembolsável, pouco a pouco, após três anos" em troca de um recibo provisório que o jornal *La Révolte* deveria fornecer na espera dos títulos definitivos; mas a redação de *La Révolte* recusa-se a servir de intermediária. Quando a experiência termina definitivamente, em abril de 1894, a venda do ativo da colônia a uns antigos membros da Cecília, é suficiente para pagar as dívidas e os custos da viagem dos últimos colonos para Curitiba, como explica Rossi em uma carta a Sanftleben. O erro de Rossi está na sua convicção de que a colônia pode viver fora de toda exploração da parte de um patrão ou de um proprietário. Em dezembro de 1889, algum tempo antes da sua partida, prometendo aos leitores de *L'Eco del Popolo* de Cremona, de consagrar uma parte do benefício da colônia à ação política na Itália, ele afirma que nela, "produzindo sem ser explorados, a soma certamente não nos faltará". Todos os anarquistas estão longe de compartilhar a sua opinião. Em março de 1893, quando está em vias de dissolver-se a experiência no Brasil, pode-se ler em *La Révolte* um texto do qual Rossi teve conhecimento e no qual ele não aprecia o julgamento, todavia premonitório, que ele contém:

*"Os nossos camaradas, desesperados com o futuro, estão livres para procurar, longe da civilização, uma terra livre onde eles esperam realizar mais vivamente que em outro lugar suas concepções de uma sociedade melhor. A falta de recursos (...) não tardará a lembrá-los que na sociedade atual, tudo se encadeia, é impossível a toda tentativa, por mais isolada que seja, de subtrair-se completamente à sua funesta ação. A burguesia, por toda parte, detém a terra, os produtos e os meios de produção e pesa, com todo o seu peso, mesmo sobre aqueles que querem sair dela. Toda tentativa anarquista não pode ser completamente anarquista pelo fato de que subsiste ao lado dela a organização burguesa que a domina."*

Em suas previsões, Rossi não levou em conta, absolutamente, as dificuldades ligadas às trocas com o exterior, trocas que se efetuam em condições particularmente difíceis no Brasil. Félix Hébert, correspondente de *Temps Nouveaux*, em um relatório que envia a seu jornal, em agosto de 1895, nos informa do que dizia Rossi, encontrado por ele em Curitiba:

*"Quando é preciso contar com as alfândegas, as companhias de transporte, etc., por muito tempo, é uma irritação, um desencorajamento que abate até os muito bem intencionados. Nesse país, é necessário muito dinheiro para fazer vir equipamentos e materiais necessários ao desenvolvimento da obra; a pobreza nos impedia isso. Era preciso também sementes, porque, na prática, percebeu-se que tal plantação não convém a tal terra, e é preciso recomençar; é preciso, portanto, arranjar outras, mas elas não estão disponíveis, é preciso esperar muito e, quando isso se torna possível, é tarde demais, a época do plantio já passou."*

O fracasso financeiro da experiência conduzida por Rossi, oferece um argumento a mais aos detratores das experiências comunitárias, que acrescentam o Brasil na lista dos países que viram fundar colônias anarquistas que acabaram em fracasso. Os teóricos da anarquia empenham-se em utilizar esse balanço econômico negativo, para demonstrar que as colônias são condenadas ao fracasso como centros de produção, uma vez que estão isoladas no mundo burguês. É a opinião que tem Elisée Reclus, que é perfeitamente informado da existência da Cecília e dos detalhes de sua evolução, pois na sua *Nouvelle Géographie Universelle*, publicada em

1894, ele menciona "uma colônia de comunistas, quase todos italianos, que se fundou na Cecília, próximo a Palmeira". Eis o ponto de vista que Reclus expõe em *Les Temps Nouveaux* em julho de 1900:

*"Até esse momento, quase todas as tentativas formais feitas com o fim de fundar colônias anarquistas na França, na Rússia, nos Estados Unidos, no México, no Brasil, terminaram em insucesso (...) Poderia ser de outra forma quando as instituições ao redor, união e paternidade legais, subordinação da mulher, propriedade individual, compras e vendas, aplicação de dinheiro, haviam penetrado na colônia, como más sementes em um campo de trigo? Sustentadas pelo entusiasmo de alguns, pela própria beleza da idéia que as rege, essas empresas puderam durar algum tempo, apesar do veneno que as corroía; mas, com o tempo, os elementos de desagregação deviam fazer sua obra, e o todo desmoronou-se por seu próprio peso, mesmo quando nenhuma violência destruidora era exercida ao redor."*

Os traços da decepção são bem visíveis nas propostas de Rossi posteriores à Cecília, e também em sua renúncia total a todo empenho no plano político. Mas, se Rossi renuncia à idéia de fundar ele mesmo uma colônia, ele não acredita que o projeto seja irrealizável. Ele escreve a Sanftleben que continua persuadido de que uma colônia que nascesse em condições mais favoráveis que as que tinha conhecido a Cecília, poderia viver 20 anos e ser composta de 1000 pessoas. Ele não está mais muito seguro, entretanto, sobre o fato de que esse gênero de experiência seja útil. Em 1896, ele apóia, de forma muito limitada, um projeto de vida comunitária no estado de Mato Grosso, elaborado pelo jardineiro da escola onde ele ensina, em Taquari. Convencido de que o obstáculo maior, "mortal", para a vida comunitária, é a mulher, presa demais aos laços do casal, ele elabora um estratagema do qual ele próprio se envergonha. Tratar-se-ia de comprar jovens índias em troca de aguardente e iniciá-las no amor livre<sup>18</sup>. Exceto

---

<sup>18</sup> É assim que ele descreve esse projeto, sem dúvida jamais concretizado, em uma carta a Sanftleben de novembro de 1886, que ele não reúne à sua seleção de 1897 e que é conservada no Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis de Amsterdã.

na sua correspondência com Sanftleben, ocupação que vem preencher sua solidão em Taquari, entre janeiro de 1896 e janeiro de 1897, Rossi não quer mais evocar a experiência da Cecília, que o tornou bastante ácido. Ele responde igualmente ao jornal *La Protesta Umana*, publicado nos Estados Unidos por Ciancabilla, que havia escrito para ele, em 1902. *La Protesta Umana* havia reproduzido em 1902 e 1903, "Un episodio d'amore", um dos textos escritos por Rossi em 1893. Mas os leitores tinham ficado ansiosos e desejavam conhecer a continuação das peripécias da Cecília. A resposta de Rossi é, segundo Ciancabilla, de um "ceticismo desolador": Rossi pede que se deixe enfim a Cecília "entre as coisas mortas e enterradas que não valem a pena exumar." Ebe Rossi, a filha de Adele nascida na Cecília, sabe muito poucas coisas sobre a colônia, como aparece em uma entrevista oral de 1974, conservada no *Instituto Ernesto De Martino* de Milão. Seus pais não falavam nunca sobre o assunto porque, segundo ela, eles tinham tido muitas decepções com essa experiência e não guardavam dela uma lembrança muito feliz. Giovanni Rossi quis esquecer a Cecília, e ele não deixa nenhuma dúvida de que suas convicções políticas foram fortemente abaladas por essa experiência:

*"Compreendamos bem: eu não nego que um sistema anarquista comunista seja possível, ainda menos que ele possa suplantar diretamente, ou após a tentativa trágica do comunismo autoritário, o regime capitalista.*

*Na minha opinião o homem é capaz, tanto de um ponto de vista fisiológico quanto de um ponto de vista psicológico, de viver de qualquer maneira, da mais racional à mais estúpida. O que eu gostaria de pôr em dúvida, entretanto, é o fato de que o comunismo anarquista seja realmente capaz de satisfazer os desejos dos homens, de garantir a liberdade, que é habitualmente mais cara que o bem-estar.(...) Eu declarei, e não refuto, que eu considerava o comunismo, como qualquer outra forma de sociedade, realizável, e eu pude observá-la, no seu estado embrionário, durante três anos na colônia Cecília. Mas poderia ela tornar os homens felizes?"*

Essa citação é tirada de um texto de Rossi intitulado "Il Paraná nel XX secolo", escrito em 1895. Esse texto constitui a melhor ilustração dos efeitos da experiência da Cecília sobre a ideologia de Rossi. De fato, ele propõe nesse texto, baseando-se nos ensinamentos da experiência da Cecília,

uma nova organização da sociedade futura, que seja mais capaz que o comunismo anarquista de "tornar os homens felizes". Ele retoma, aliás, exatamente as mesmas idéias, com variantes de ordem narrativa, em 1917, na revista milanesa *Università Popolare*, de Luigi Molinari. O sistema que Rossi propõe nesses dois textos é uma alternativa ao comunismo que, diz ele, "limita a liberdade individual"; é um outro meio de atingir o objetivo final que, nos seus dizeres, permanece idêntica: a anarquia. O sistema elaborado por Rossi nesses dois textos repousa explicitamente sobre o mérito, a ascensão social, o interesse pessoal, o reconhecimento social e a distinção estabelecida entre os merecedores e os não-merecedores. Apesar da bondade generalizada, a ausência de agressividade e o desejo de ajudar os inferiores (sic), que caracterizam a forma pela qual se efetua a concorrência, o sistema de Rossi é muito próximo do que se poderia chamar o "liberalismo anarquista", e nada tem mais em comum com as convicções que Rossi mantinha antes de sua partida para o Brasil. Um só extrato pode convencer-nos disso:

*"Por mais que essa concepção possa desagradar os igualitários, a nova sociedade humana pode ser simbolizada em uma majestosa escadaria de mármore, que cada um pode livremente subir. Quem se encontra em um degrau superior não tem interesse em rechaçar o irmão do degrau inferior, que merece subir; ao contrário, eles têm grande interesse em chamá-lo, convidá-lo, ajudá-lo."*

Após tal reviravolta, não surpreende que Rossi não se interesse mais pela política. Aquilo em que tinha acreditado durante toda a primeira parte da sua vida, o que fazia seu combate cotidiano havia desmoronado, mais nada o une à batalha política na qual ele não havia nunca, aliás, tentado se distinguir. Rossi não colaborou com nenhum jornal brasileiro. Fez algumas conferências sobre o socialismo, que aliás não continuaram após o fim da Cecília. Com exceção de uma aparição na lista de assinantes do jornal *Il Diritto* de Curitiba, em setembro de 1900, e de *A Terra Livre* de São Paulo, em março de 1906, ele não deixa marcas no movimento social local. Contrariamente ao que afirma Newton Stadler de Sousa, Rossi não participa do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, que se realizou no Rio de Janeiro em 1906. Após sua partida da Cecília, a existência de Rossi é das mais movimentadas, mesmo que ele não realize o projeto que havia formulado, de partir em direção ao norte do Brasil com um grupo de amigos e um

teatro de marionetes, que devia trazer a todos muito dinheiro, nem o de passar um ano visitando a colônia socialista de Topolobambo no México e outras colônias na América do Norte. Ele também não retorna à Itália para descansar, como havia manifestado a intenção. Em 1895, sua presença em Curitiba é certificada por Malatesta, que escreve a Sanftleben que Rossi estava ainda em Curitiba na primeira metade do ano de 1895. No mesmo período, Rossi encontra o correspondente do jornal parisiense *Les Temps Nouveaux* em Curitiba, Félix Hébert. Em janeiro de 1896, Rossi está em Taquari (Rio Grande do Sul) onde ensina na Escola Superior de Agricultura. Esse período é muito triste para Rossi. Adele e suas crianças ficaram em Curitiba com Annibale, o outro membro da "família poliândrica" nascida durante a experiência da Cecília. Segundo uma carta de Rossi a Sanftleben, Annibale havia afundado no alcoolismo e corria o risco de "morrer como um cão". Na verdade é Rossi que vive "só como um cão":

*"Além do alojamento, eu ganho atualmente 350 francos por mês e e tenho diante de mim o belo rio Taquari, as colinas verdejantes de prados e de florestas, estou rodeado de araucárias, de palmeiras, de laranjeiras, mas nem um pequeno café, nem um teatro ou um lugar de divertimento onde gastar algum dinheiro; eu estou em um belo deserto."*

Ele vive à espera das visitas de Adele e das crianças, que acabam por juntar-se a ele definitivamente. Mas a tristeza não o deixa, porque uma das filhas de Adele e de Rossi, Pierina, morre à idade de catorze meses, no fim de 1896. A família troca o estado do Rio Grande do Sul pelo de Santa Catarina, em 1897. Rossi dirige então o centro agrônômico de Rio dos Cedros, próximo a Blumenau; depois, a partir de 1904, ele é transferido para Florianópolis, sempre no estado de Santa Catarina<sup>19</sup>. Um artigo da *Revista Agrícola*, citado por Afonso Schmidt, mostra-nos que Rossi é considerado um notável, um funcionário valoroso, certamente não um perigoso agitador:

---

<sup>19</sup> Ermenbergo Pellizzetti a Afonso Schmidt, Rio Grande do Sul, 24 de novembro de 1940, carta reproduzida, em anexo, no romance de Afonso SCHMIDT, *Colônia Cecília*, publicado em 1942.

*"A nossa Revista, podemos dizer, está sem armas para o combate; deixou-nos o eminente Dr. Giovanni Rossi. O nosso ilustre amigo foi para a Itália com a sua exma. família e, está nos parecendo, não voltará mais ao nosso estado. A Revista Agrícola lamenta sinceramente a ausência do seu Diretor e, desejando render uma homenagem a este homem de ciência, ao mesmo tempo que presta um serviço à lavoura catarinense, vai publicar, em edições sucessivas, os trechos mais interessantes dos relatórios apresentados por ele ao Governo do Estado durante o tempo em que foi diretor da Estação Agronômica."*

Rossi deixa sua residência de Urussanga (Santa Catarina), no dia 10 de março de 1907 e embarca com sua família a bordo do navio da Compagnia Ligure-Brasiliana<sup>20</sup>. Ebe Rossi, que tinha catorze anos na época, lembra que eles chegaram à Itália no dia 4 de abril de 1907. Em sua chegada, Rossi se instala, num primeiro momento, em San Remo, onde é titular, com o professor Mario Calvino, da cátedra itinerante de agricultura da província. Em 1909, está em Porto Maurizio, empregado em um viveiro cooperativo. Em novembro de 1909, está em Viareggio, em 1910 em Camaiore, província de Lucca. Durante a primeira guerra mundial, levado pelas dificuldades financeiras, ele aceita o cargo de veterinário municipal substituto em Codogno, província de Milão, onde ensina também em um instituto técnico<sup>21</sup>. Sua atividade política na Itália é tão reduzida quanto nos últimos anos de sua permanência no Brasil. Em outubro de 1913, *L'Avvenire Anarchico* de Pisa consagra-lhe um artigo. O autor do artigo, Gino Del Guasta, interessa-se mais pela figura de Rossi, que permite a ele grandes vôos líricos, em um estilo penosamente acadêmico, que pela história da colônia:

---

<sup>20</sup> Legação da Itália no Ministero degli Affari Esteri, Petrópolis, 10 de março de 1907, Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 4445, fascículo Giovanni Rossi.

<sup>21</sup> Informações biográficas retiradas da ficha de Rossi nos arquivos da polícia italiana e do artigo consagrado a Giovanni Rossi no dicionário de Franco ANDREUCCI e Tommaso DETTI. *Il Movimento Operaio Italiano. Dizionario Biografico, 1853-1943*. Roma, Editori Riuniti, 1978.

*"Cultor das ciências naturais, alma invadida, diria quase por um alado panteísmo franciscano; asceta, filósofo, contemplador, apóstolo, positivista, céu de março que acolhe todos os cinzas das nuvens chuvosas, e os ouros das fugazes pátinas opalinas, ele quis experimentar o seu grande sonho de convivência libertária, sem coações estatais, indagar a mais eleita estrutura de harmonia espiritual entre os associados, pôr em prática o valor ideal da sonhada libertação humana tal como em um sonho."*

Em março de 1916, a revista de Turati, *Critica Sociale*, acolhe um texto assinado por Cardias, pseudônimo de Rossi, "Il socialismo dei margini". Rossi propõe ali a exploração das margens das estradas nos municípios socialistas, por jovens operários e camponeses, "os boys scouts do povo." Enfim, em 1917, ele redige seu último texto político, já mencionado, para a revista *Università Popolare*. No entre guerras, Rossi retorna a Pisa. Sua correspondência com Ermembergo Pellizzetti<sup>22</sup>, que ele havia conhecido nos seus últimos anos de permanência no Brasil, deixam entender nitidamente que seu único centro de interesse é, daí por diante, a agronomia. Em algumas cartas de 1925 e 1926, parece que Rossi esperava uma nomeação como cônsul ou vice-cônsul do Brasil em Pisa. Para esse propósito, para facilitar as formalidades, Rossi havia mesmo redigido uma nota biográfica em português, destinada às autoridades brasileiras. Uma carta que a sobrinha de Giovanni Rossi escreve a Ermembergo Pellizzetti em 1929, nos mostra que ele está também um pouco "inquieto" com o contexto político da época:

*"Eu recebi ontem uma carta do tio Gianni, perguntando do senhor. É sempre ativo no ramo - agricultura - mantendo-se informado sobre todas as novidades. Pediu-me para traduzir e*

---

<sup>22</sup> O texto de Beatriz PELLIZZETTI, "Os papéis de Giovanni Rossi no Arquivo Ermembergo Pellizzetti", in *Arquivo para a História do Brasil Meridional*, publicado pela Universidade Federal do Paraná em 1971, contém os resumos de todas as cartas de Rossi a Ermembergo Pellizzetti.

*escrever uma carta a uma empresa alemã. É muito ativo, se não fosse a idade, coitado, seria capaz de organizar ainda uma empresa. Mas as suas idéias são e serão obstáculo a todas as iniciativas, especialmente agora. O senhor entende?"<sup>23</sup>*

Conquanto o fim da sua vida tenha sido o mais pacífico possível, é preciso esperar até 1939 para que Rossi seja retirado da lista de pessoas a vigiar, como o demonstra a sua ficha no arquivo da polícia italiana. Ele morre em Pisa, com a idade de oitenta e três anos, em 9 de janeiro de 1943.

Antes de deixar Rossi e sua colônia experimental, é necessário observar que o quadro da Cecília, tal como nós o apresentamos, não corresponde àquele que propõe tradicionalmente a historiografia. De fato, segundo uma versão muito propagada da história da Cecília, a colônia teria sido implantada no Brasil graças à doação das terras situadas no estado do Paraná, pelo imperador Dom Pedro II a Giovanni Rossi. "*Os caminhos desses dois homens, igualmente impregnados do espírito do progresso científico*" teriam se cruzado em Milão, em maio de 1888<sup>24</sup>. Essa afirmação, retomada inúmeras vezes, é baseada no relato que abre o romance de Afonso Schmidt, *Colônia Cecília*, já citado, publicado em 1942 e reeditado em 1980. Esse autor imagina que Rossi teria entrado em contato epistolar com o imperador, quando da permanência deste em Milão, em 1888, e que ao final dessa correspondência o imperador teria oferecido a Rossi as terras situadas no estado do Paraná, para ali constituir sua colônia. Essa versão do nascimento da Cecília comporta numerosas inverossimilhanças, em particular no que se refere às datas. Schmidt afirma que a colônia foi fundada em Palmeira, na província do Paraná, nos últimos meses da Monarquia. Tendo a Monarquia sido derrubada em 15 de novembro de 1889, ele situa o início da colônia em setembro ou outubro de 1889. É esta a data que Afonso Schmidt dita explicitamente no prefácio de sua obra: "Se ele (Giovanni Rossi) quiser dizer o que fez e o que viu no Brasil, de 1889 a 1894, em que

---

<sup>23</sup> Luiza Andriani a Ermembergo Pellizzetti, Gênova, 5 de setembro de 1929, documento reproduzido por Beatriz Pellizzetti em "Os papéis de Giovanni Rossi no arquivo Ermembergo Pellizzetti."

<sup>24</sup> Esta frase é tirada da tese de Eric GORDON, *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*, já citada.

esteve à frente de sua colônia, poderá escrever um grande livro." Ora, o romancista não ignora que os pioneiros da Cecília partiram de Gênova no dia 20 de fevereiro de 1890, no navio Città di Roma, visto que nos dá, um pouco mais à frente, todas essas informações. Essa grande discordância sobre datas não parece ter impressionado os leitores de Afonso Schmidt. É necessário observar que muitos autores apagaram a incoerência cronológica, fazendo iniciar a Cecília em 1890, mas sobre as bases do acordo feito com o imperador em 1888. Os efeitos da mudança de regime só se teriam feito sentir mais tarde. Essa variante na "versão do imperador" não é mais convincente. De fato, por que Giovanni Rossi teria esperado tanto, dois anos, ao invés de se aproveitar das terras, se o imperador as tivesse efetivamente colocado, gratuitamente, à sua disposição? Por outro lado, nós vimos que os colonos da Cecília sabiam, desde 1890, que as terras que eles ocupavam não eram gratuitas e que, mais cedo ou mais tarde, teriam que pagar por elas. Essa discordância deveria em si bastar para provar que a história da Cecília, tal como ela foi difundida por intermédio de Afonso Schmidt e dos numerosos autores que se basearam no seu romance, foi inventada. Entretanto, foi possível considerar o romance como uma fonte confiável porque, ao mesmo tempo que acrescenta numerosos detalhes romanescos, Afonso Schmidt cita, apesar de tudo, o material que ele reuniu, os textos de Rossi que apareceram na revista anarquista de São Paulo, *Quaderni della Libertà*, testemunhos, compreendendo o testemunho de um possível antigo colono da Cecília, Francesco De Paola<sup>25</sup>. Afonso Schmidt cita também Ermembergo Pellizzetti, do qual ele conhece a ligação com Rossi. Com efeito, não é Schmidt que inventa a ligação da Cecília com o imperador. Em 1934, Alessandro Cerchiai, um dos pilares do jornalismo anarquista de São Paulo, parte para visitar os vestígios da Cecília, perto de Santa Bárbara. Ele escreve nesse momento uma carta, que publica em 1936 na revista *Quaderni della Libertà*:

*"Cardias havia escrito um opúsculo sugestivo intitulado 'Il comune in riva al mare', uma verdadeira jóia da sociologia, capaz*

---

<sup>25</sup> Schmidt agradece Francesco De Paola pela ajuda que ele trouxe com seu testemunho, sem esclarecer se se trata de um antigo colono ou de um simples testemunho. Esse nome se encontra na lista tecida por Newton Stadler de Sousa dos membros da Cecília.

*de deixar muito atrás 'L'Abbaye de Thélème' de Rabelais. Uma cópia do opúsculo acabou caindo nas mãos augustas do imperador Dom Pedro II, cuja filha Isabel havia há pouco emancipado os escravos, e o monarca, talvez por gostar das ilusões douradas do anarquista, escreveu-lhe, convidando-o a vir realizar o seu sonho na província do Paraná."*

A utilização que Afonso Schmidt faz das fontes que ele consultou é muito pessoal. Ele enfeita, transforma, adapta. Para ilustrar os arranjos aos quais se permitiu o romancista, é suficiente citar essa passagem onde, segundo a versão romanceada, após ter sabido que "a República não está disposta a manter as concessões que lhe fez a Monarquia" e que eles devem pagar os impostos atrasados, os membros da Cecília decidem plantar um campo de milho, cuja colheita permita reembolsar a dívida:

*No dia seguinte, (Tavaris) foi à cidade e de lá voltou na boléia de um carretão carregado. Trazia vinte sacos de milho para o plantio e uma dúzia de enxadas de boa marca, com cabos de caviúna.*

*Dois dias depois, ao primeiro arrepio da manhã, observou-se animadora atividade na Colônia. Homens e mulheres faziam grazinada no riacho, atirando água uns nos outros. No terreiro, foi servido um forte café, com gordas fatias de polenta, da véspera, tostadas no borralho. Terminada a colação, os homens maduros da Colônia tomaram a ferramenta e se encaminharam para a roça, ainda orvalhada, com uma evaporação alvadia que o vento ia diluindo. Até mesmo Piero - o abúlico - botou às costas um saco de espigas e acompanhou os demais. Ao mesmo tempo, os 19 moços tomaram o caminho oposto, que ia dar no estradão, e se afastaram alegres, ao som de um velho hino:*

*"...e pártano (sic) cantando  
colla speranza in cor..."*

*Uma voz, de dentro do mato, respondeu com o estribilho:*

*"Eppur la nostra idea  
non é che idea d'amor!"*

A soma a pagar ao governo, o campo de milho, o trabalho nas estradas do Estado, são alguns detalhes verídicos que aparecem no relato escrito por Rossi em 1893, reeditado em São Paulo em 1932, também em *Quaderni della Libertà*. Mas Afonso Schmidt confunde a cronologia, cria relações de causa e efeito; tudo é refundido para formar uma outra história e para dar livre curso ao seu lirismo. Notemos também que o "velho hino" que Schmidt faz os seus personagens cantarem é "Addio Lugano bella", composta por Pietro Gori, em 1894, após o fim da Cecília.

Afonso Schmidt interessou-se, na sua obra de juventude, pelo tema da vida comunitária: escreveu uma novela, *Harmonia*, que publicou em Santos, em 1922, em uma coletânea intitulada *Brutalidade*. Ele freqüentou também os meios anarquistas desde 1909 e, sobretudo, em 1919, quando colaborou com o jornal anarquista de São Paulo, *A Plebe*. Se a experiência de Rossi o seduz, é porque a aventura vivida por um corresponde ao sonho do outro. Como, portanto, resistir à tentação de adaptar certos fatos, arranjar a verdade, inventar elos que faltam, calar alguns aspectos que não quadram com o resto? Newton Stadler de Sousa faz parte daqueles que reprovam, em Afonso Schmidt, o fato de procurar o efeito narrativo mais do que a veracidade, o que complica, diz ele, o trabalho do historiador e dos sociólogos, os quais se preocupam mais em buscar a "verdade total". Apesar dessa observação, Stadler de Sousa, ele próprio, é culpado de embelezamentos, de arranjos e de erros às vezes grosseiros ao longo de sua pesquisa que tem, ela, vocação científica. Ele também não percebe os erros de datas. Se a "versão do imperador" teve uma tal sorte, se ela foi repetida tão freqüentemente após Schmidt, é porque, exceção feita à incoerência cronológica já observada, mas que pode escapar aos leitores apressados, ela é, para todos os efeitos, plausível e baseia-se sobre fatos verificados, como a viagem do imperador à Europa em 1888, sua visita ao teatro La Scala de Milão, onde ele efetivamente assistiu a uma ópera, mesmo que nunca tenha ali encontrado Rossi. Os clichês que se unem habitualmente à figura de Pedro II, mecenas, liberal, aberto a todos, justificam seu suposto interesse por uma colônia anarquista. Isso permite, aliás, a alguns, cumprimentos hiperbólicos em relação ao imperador - "Foi assim que um monarca estendeu a mão à anarquia...", escreve Franco Cenni em *Italianos no Brasil* - e sinais de simpatia para com esse "imperador sem medo dos Anarquistas", mesmo da parte de Edgar Rodrigues. Ainda que plausível, a versão de Schmidt não resiste a um exame aprofundado. Ela já foi refutada na obra *Il Socialismo Utopistico. Giovanni Rossi e la Colonia Cecilia*, de Rosellina Gosi, que se

funda sobre a psicologia de Giovanni Rossi e sua intensa atividade na Itália (em 1888, ele havia apenas começado a experiência de Cittadella), quando deveria ter concebido, com o apoio do soberano, o projeto de dirigir-se ao Paraná. Às deduções dessa autora, que se baseiam igualmente no testemunho de Ebe Rossi, junta-se, desde a nossa visita ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, um argumento inatacável: se Rossi pensa em transferir-se para Porto Alegre, assim como nos revela o registro da Hospedaria dos Imigrantes e como nos indica também a sua carta a *La Révolte*, em março de 1890, ele não sabe ainda que sua colônia será implantada no Paraná, próximo a Palmeira; e, portanto, o imperador, já destronado em 1890, não tem nenhuma ligação com a Cecília.

Essa Cecília legendária conheceu uma fama muito grande: além do romance de Afonso Schmidt e das numerosas obras de história, a Cecília inspirou um filme de longa metragem de Jean-Louis Comolli, *La Cecilia*, 1976. Esse filme, ainda que romanceado, ilustra muito bem os momentos marcantes da colônia: o entusiasmo dos primeiros dias, a dificuldade do trabalho, os conflitos e os ciúmes entre os colonos. A colônia é também o tema de uma peça de teatro brasileira, *Colônia Cecília*, escrita por Renata Pallottini por encomenda do governador do estado do Paraná. Enfim, um autor anônimo escreve uma canção, "La Colonia Cecilia", que foi gravada pelo Instituto De Martino, de Milão, em julho de 1962. Antes de deixar a lenda, é preciso evocar uma outra colônia anarquista que é citada comumente no mesmo período da Cecília, uma colônia que teria sido fundada em Guararema (estado de São Paulo), por Arturo Campagnoli, em 1888. Essa colônia nunca existiu e foi citada somente nessa passagem tirada do livro *São Paulo de meus Amores*, de Afonso Schmidt:

*"Ainda estávamos no Império, quando ele abandonou tudo na Europa e decidiu estabelecer-se em Guararema, numa velha fazenda. Repartiu a terra, chamou amigos, iniciou a plantação coletiva. Há muitos anos, diversas nacionalidades ali estiveram representadas: russos, espanhóis, franceses, italianos. E ele lutara, lutara.*

*Nos primeiros anos da República, quiseram deportá-lo! Foi preso e levado para Santos, sob custódia. De lá conseguiu fugir lançando-se à água; durante meio século, em Guararema, foi um bom amigo dos caboclos. Conta-se que em certa noite de tempestade,*

*atravessou o rio a nado, para levar remédios a um sitiante que morria à míngua. Lá, quando a gente fala no velho Campagnoli, há sempre um caboclo para dizer: - Aquilo sim, é que era homem bom."*

A generosidade que ressalta nessa passagem é toda em honra de Campagnoli, que viveu efetivamente em Guararema, mas somente a partir dos primeiros anos do século XX. Se ele pôde deixar atrás de si essa reputação, em compensação, nunca fundou uma colônia, mas trabalhava na propriedade de seu irmão. Sua ficha nos arquivos da polícia italiana nos permite reconstituir o seu itinerário. Arturo Campagnoli chega ao Brasil em 1891, logo após o fim do Império. Ele é preso em 1894 e depois expulso do Brasil em 1895. Dirige-se a Paris e depois a Londres, em 1900. Retorna ao Brasil em 1902. Em 1905, um agente da polícia italiana, Frosali, em missão em Londres, ouviu dizer que Campagnoli havia fundado uma colônia anarquista no Brasil. O encarregado dos assuntos italianos em Petrópolis desmente esse rumor. Além disso, as filhas de Campagnoli - que Jaime Cubero, do Centro de Cultura Social de São Paulo, encontrou em Guararema - nunca ouviram falar dessa suposta colônia.

A Cecília conquistou uma certa fama na imprensa anarquista internacional, graças ao relatório escrito em abril de 1893 e, sobretudo, pelos textos sobre o amor livre (*Cecilia, Comunità Anarchica Sperimentale* e *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecilia*), publicados muitas vezes: na Itália, em 1893; na França, em 1894; na Argentina, em 1894 e 1896; no Brasil, em 1896 e 1932; nos Estados Unidos, em 1903. Esses dois textos foram ainda objeto de uma reedição em 1993, pela Biblioteca Franco Serantini, de Pisa. Na imprensa anarquista italiana no Brasil contemporâneo à Cecília, raramente se fez alusão à colônia, da qual não se sabia, aliás, muita coisa. A preocupação de Rossi não era, de nenhuma forma, ligada ao movimento social brasileiro, que estava apenas em estado embrionário no início dos anos noventa. Alguns contatos se estabeleceram, entretanto, em particular com um jornal italiano de São Paulo contemporâneo à Cecília, *Gli Schiavi Bianchi*. É difícil saber se esses contatos eram freqüentes, porque são disponíveis somente dois exemplares desse jornal; as relações não deviam, entretanto, ser regularmente mantidas, uma vez que se encontra em um número de junho de 1892, uma mensagem da redação ao Dr. Rossi, pedindo que este envie notícias da colônia. No início de 1893, é a colônia que se dirige ao jornal através da pena de Amilcare Cappellaro e pede aos camaradas uma ajuda financeira.

Daí para frente, os anarquistas italianos no Brasil não manifestam interesse por esse episódio que eles conhecem muito mal e que não tem ligação com suas preocupações políticas. O tema das experiências comunitárias só aparece muito raramente nos jornais anarquistas em italiano publicados no Brasil e, quando escrevem sobre o assunto, Rossi e a Cecília não são mencionados<sup>26</sup>. Em agosto de 1913, um dos jornais anarquistas de São Paulo, *La Propaganda Libertaria*, faz, entretanto, de Rossi e dos colonos da Cecília, os pioneiros do movimento social no Brasil, mas tudo o que o autor do artigo conhece deles é o que leu no texto escrito por Rossi em 1893. O jornal não sabe o que aconteceu com Rossi, desde que uma carta dele apareceu em *La Protesta Umana* de junho de 1903. Alguns acham até que ele morreu. Em fevereiro de 1948, Gigi Damiani, um dos anarquistas italianos que mais marcou o movimento social em São Paulo, durante sua permanência no Brasil de 1897 a 1919, consagra um artigo do jornal anarquista italiano *Umanità Nuova* à colônia Cecília. É a leitura de um trabalho universitário defendido na Universidade de Florença por Milena Perina, *Esperimenti cooperativistici di un ignorato riformatore italiano del secolo XIX: Giovanni Rossi*, que suscita a escritura desse artigo o qual comporta somente poucas lembranças pessoais. Damiani conta que ele conheceu dois antigos membros da colônia, Egizio Cini e Ernesto Pacini, e relata uma anedota a propósito de Francesco Gattai. Este, quando fazia a guarda, ia até a oficina de ferreiro da comunidade para acender seu cachimbo e economizar os fósforos. Mas, além dessas pequenas anedotas, Damiani não sabe nada. Sua memória até o engana, uma vez que ele escreve sobre alguns anarquistas convictos que deixaram a colônia sem abandonar sua fé e, "ao fim de alguns meses, eles publicam na capital do Paraná, Curitiba, o primeiro dos jornais anarquistas que apareceram nessas regiões distantes: *Il Diritto*". Ora, *Il Diritto* nasce somente em 1899, como se pode constatar graças à coleção conservada no Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis, de Amsterdã. Ele é fundado por Egizio Cini, um dos sete jovens empenhados que salvaram a Cecília de sua primeira crise, em junho de 1891. O próprio Gigi Damiani colaborou com esse jornal em março de 1900. Alguns antigos colonos da Cecília estão também em contato com *Il*

---

<sup>26</sup> Ver *Germinal*, dezembro de 1902; *Il Libertario*, outubro de 1906; *La Battaglia*, julho de 1907.

*Diritto*, uma vez que aparecem entre os assinantes do jornal. Sob os erros tipográficos e pelas iniciais ou primeiros nomes, pode-se reconhecer alguns nomes que aparecem também na nossa lista de pessoas que teriam participado da colônia Cecília (ver documento anexo): Costalli, Minardi, Benedetti, Garzino, Agottani, Colli, Paccini, Nannoni, Mansani e também Giovanni Rossi. Nos anos seguintes, os jornais anarquistas publicados no Brasil, essencialmente em São Paulo, recebem regularmente subscrições de antigos membros da Cecília<sup>27</sup>. Observa-se também em *Germinal* de 14 de fevereiro de 1902, que Pietro Colli aparece entre os fundadores da Liga Internacional dos Trabalhadores de Palmeira.

Nem todos os membros da Cecília permanecem no Brasil<sup>28</sup>. Alguns voltam muito rápido para a Itália. É o caso dos pioneiros Achille Dondelli, Lorenzo Arrighini e Giacomo Zanetti. Lorenzo Arrighini está na Itália pelo menos desde 30 de abril de 1892, data na qual ele é preso. Com o passar dos anos, sua conduta moral parece cada vez mais satisfatória aos funcionários da polícia. Giacomo Zanetti também é preso em 1892, em Brescia. Assinala-se a presença de Dondelli na Itália em setembro de 1893. Após 1894, ele não é mais considerado perigoso. Nenhum deles continua a lutar nas fileiras do anarquismo. Giuseppe Maderna permanece no Brasil mas é muito rapidamente perdido para a causa. A ficha escrita pela polícia italiana nos informa que Giuseppe Maderna chega ao Brasil em 1891, mas não faz menção à sua passagem pela Cecília. Mais tarde, Maderna torna-se proprietário de uma serraria em Curitiba, em sociedade com Decio Boni, ele também um antigo membro da Cecília. Os dois deixam de se interessar pela propaganda. Em 1937, a embaixada da Itália no Rio de Janeiro informa

---

<sup>27</sup> Paolo Costalli em *Il Risveglio* de 27 de novembro de 1898; Pietro Colli, Aldino Agottani, Zeffiro Agottani, Peppino Agottani, Amedeo Artusi em *La Battaglia* de 25 de setembro de 1905; Colli e Agottani em *O Despertar. Folha quinzenal de propaganda libertária*, jornal de Curitiba, 31 de dezembro de 1905; Zefferino e A. Agottani, Daniele Dusi, Virginio Artusi, Libero, Vittorio e Italo Mezzadri em *Guerra Sociale* de 11 de setembro de 1915; G. e F. Agottani, V. Artusi em *Germinal* de 21 junho de 1919.

<sup>28</sup> As informações que se seguem são retiradas, salvo indicação contrária, das fichas da polícia italiana, organizadas por nome de pessoa no Casellario Politico Centrale, conservado no Archivio Centrale dello Stato de Roma.

que Maderna tem naquele momento uma atividade fascista e que "é um bom elemento do ponto de vista nacional." Bem diferente é o caso de Francesco Gattai. Após a sua permanência em Curitiba, dirige-se a São Paulo onde trabalha a princípio como eletricista para uma companhia inglesa de estradas de ferro; depois trabalha na rua do Gasômetro, n. 63, em uma oficina de consertos em geral. Seu nome aparece em pequenos anúncios publicitários, como em *Il Risveglio* de 11 maio de 1898, e aparece frequentemente nas listas de assinantes da imprensa anarquista<sup>29</sup>. Francesco Gattai é também o tesoureiro de uma comissão encarregada de organizar festas campestres<sup>30</sup> e chega a receber na sua casa, Rua Amélia, n. 6, os camaradas que desejam comprar fotografias de Pietro Gori<sup>31</sup>. Mas Gattai afirma não fazer parte dos militantes mais ativos. Parece que é de boa fé que ele declara à polícia italiana em 1902:

*"Desde aquela época (1891) até agora, eu não me ocupei mais de política; pensei nas minhas coisas; e não entendo como agora se queira designar-me como um indivíduo perigoso. (...) eu servi fielmente ao Exército Italiano no 48º Regimento de Infantaria e exibo o documento de cabo, sem punições. Servi depois sete anos no arsenal do primeiro Departamento marítimo de La Spezia (1884-1891), época em que, como eu disse, emigrei para a América."*

Gattai tem, entretanto, o apoio incondicional dos camaradas anarquistas de São Paulo, que publicam, em *Il Risveglio* de 13 de novembro de 1898, palavras muito tocantes e cheias de delicadeza por ocasião da morte de sua mulher. E, em julho de 1918, quando morre Gattai, o jornal do Rio de Janeiro, *Crônica Subversiva*, citado por Edgar Rodrigues em *Os Anarquistas*, presta homenagem ao anarquista fiel que se foi.

Por sua vez, um dos filhos de Agottani, Andrea Giuseppe - José para a polícia de São Paulo - causa muitos problemas à polícia italiana, por

---

<sup>29</sup> Citamos *Il Risveglio* de 16 de outubro e 20 de novembro de 1898, *Palestra Social* de 12 de janeiro e 24 de fevereiro de 1901, *Germinal* de 9 de agosto de 1902, *La Barricata* de 17 de outubro de 1912, *Guerra Sociale* de 3 de junho de 1916.

<sup>30</sup> *Palestra Social*, 24 de fevereiro de 1900, 31 de março e 1º de maio de 1901.

<sup>31</sup> *La Battaglia*, 2 de março de 1912 e *La Barricata*, 20 de abril de 1913.

causa dos seus numerosos deslocamentos entre a Europa e o Brasil e dos contatos que ele estabelece com os meios subversivos, não somente no Brasil e na Argentina, mas também na Itália e na França. Ele é expulso do Brasil como anarquista em 1919, mas acaba por juntar-se a seu irmão Aldino em 1933, na sua fazenda de Palmeira. Aldino Agottani, vigiado por causa de sua relação de parentesco com Andrea Giuseppe, não se dá conta das suspeitas dos serviços diplomáticos italianos, que querem atribuir a ele alguma atividade política. Opostamente, Edgar Rodrigues afirma em seu livro sobre os anarquistas, que Giuseppe se manifesta ainda em 1949, quando escreve, com seu irmão Zefferino e com Daniele Dusi, ao jornal anarquista *Ação Direta* para levar o seu apoio aos camaradas anarquistas do Rio de Janeiro; e, em 1950, quando envia dinheiro a esse mesmo jornal.

Se a Cecília atraiu para o Brasil anarquistas, dos quais alguns tiveram no início uma atividade política, essa contribuição indireta da colônia de Rossi ao movimento operário é, entretanto, freqüentemente exagerada. Assim, atribui-se a numerosos jornais uma ligação com antigos colonos da Cecília. Segundo Newton Stadler de Sousa, Pietro Riva, um antigo colono da Cecília, teria ajudado seu filho Giuseppe a editar um jornal anarquista em italiano, *Il Lavoratore*, em outubro de 1893. Maria Nazareth Ferreira, em seu livro *A Imprensa Operária no Brasil, 1880-1920*, afirma que *Despertar*, nascido em Curitiba em 1904, emana de um grupo da colônia Cecília. Na verdade, esse jornal aparece sob a responsabilidade de Gigi Damiani e de um certo José Buzzetti. É entretanto verdade que antigos colonos da Cecília aparecem entre os seus assinantes. Edgar Rodrigues, em sua obra *Os Anarquistas*, chega até a atribuir o nascimento, em 1894, do jornal anarquista *A Luta* de Porto Alegre, à influência de Giovanni Rossi e Gigi Damiani. Segundo Rodrigues, o primeiro estaria em Taquari (Rio Grande do Sul); o que, na verdade, só ocorrerá no fim de 1895. O segundo estaria naquele ano de 1894 em Caxias (também no Rio Grande), mas, na verdade, só chegaria ao Brasil em 1897 e nunca teria pertencido à colônia Cecília. Os exageros tocam também Rossi, que é considerado um dos anarquistas mais ativos do movimento operário brasileiro do início do século, quando ele nunca participou dele. Rossi e sua colônia fazem já parte do imaginário do movimento social no Brasil, como o demonstram a peça já citada de Renata Pallottini, e o romance de Renato Modernell, *Sonata da Última Cidade*, onde ele diz que os anarquistas de São Paulo, que todavia nunca encontraram Rossi, o evocam com orgulho.

Nos trabalhos consagrados à história da emigração, tais como o de Ercole Sori, Robert Paris e Jean Charles Vegliante, a Cecília é considerada como um episódio da imigração italiana no Brasil. E, de fato, é muito provável que Rossi nunca tivesse pensado em sair das fronteiras da península sem a forte corrente emigratória que conduz grande número de italianos em direção ao Brasil, na última década do século XIX. O esquema psicológico que leva Rossi a seguir os traços dos emigrantes é muito próximo ao dos próprios emigrantes. Ele precisa de um lugar para realizar o que ele não pode fazer na Itália e considera o Brasil uma terra de acolhida momentânea. Seu espírito está sempre dirigido para a Europa; é lá que ele quer convencer e é lá que ele quer ajudar financeiramente a causa anarquista. O Brasil em si não interessa a ele. Ele escolhe dirigir-se às regiões do Sul, as mais semelhantes às que ele já conhece, pelo clima e pela agricultura. É provável que Rossi sofra mais ou menos diretamente a influência da "propaganda infatigável"<sup>32</sup> dos agentes do governo brasileiro e das companhias de navegação, pagas para fazer campanha em favor da emigração para o Brasil. Ele pode ter lido uma das numerosas publicações contando as maravilhas do Brasil e ter sido simplesmente influenciado pela atmosfera do período. Lembremos que é Dondelli que sugere a Rossi de partir para a América do Sul. As regiões do norte da Itália, onde Rossi se acha e onde ele encontra aqueles que se tornariam os colonos da Cecília, são os alvos preferidos dos recrutadores da época. Desde que ele toma a decisão de se expatriar, Rossi pensa em utilizar a corrente migratória em direção à América do Sul como um novo meio de melhorar sua colônia. Ela é disposta, segundo Rossi, a acolher "todos os socialistas que a miséria empurra a cada ano para o êxodo plebeu." Lamentando que os italianos

---

<sup>32</sup> Esse é o termo utilizado em uma carta de 5 de dezembro de 1892 da Legação francesa no Rio de Janeiro ao Ministério das Relações Exteriores. Archives du Ministère des Affaires Étrangères, Paris, Nouvelle Série, Brésil, vol.1, p. 18-21. Ver também um recorte da imprensa britânica enviada a Paris pela Direction des Affaires Commerciales de L'Ambassade de France na Inglaterra, no dia 15 de outubro de 1892. Nesse artigo, advertem-se os trabalhadores britânicos dos perigos que eles correm dirigindo-se ao Brasil e aconselha-se a eles de não cederem às ofertas tentadoras do governo brasileiro e das companhias privadas. "A warning to workers". Daily Telegraph (outubro, 1892). Archives du Ministère des Affaires Étrangères, Paris, Nouvelle Série, Brésil, vol.1, p.13.

sejam obrigados ao êxodo, compadecendo-se da miséria dos emigrantes, esses "esfomeados da pátria", como ele os qualifica em um número de maio de 1886 de seu jornal *Lo Sperimentale*, ele aproveita essa situação e se transforma em um recrutador tão interessado e eficaz, como se ele se tivesse posto ao serviço da República brasileira ou de uma companhia de navegação. Se isso lhe pode ser útil e trazer algum subsídio à colônia, Rossi não perde a ocasião de assimilar sua experiência à das massas de emigrantes partidas para o Brasil. Em 1892, dirigindo-se aos camaradas trabalhadores do Vêneto, no jornal *Verona del Popolo*, ele pede ajuda não para os socialistas que partiram para uma experiência de vida comunitária, mas para simples emigrantes. Aliás, se Rossi se dirige a esse jornal do Vêneto, com o qual ele não tem a priori nenhuma ligação, é porque ele conhece a forte presença de emigrados originários do Vêneto nos estados do sul do Brasil:

*"Os vossos companheiros que, obrigados a emigrar por inelutável necessidade, irão na próxima expedição, ao Paraná, unir as suas energias e as suas forças de vontade aos irmãos colonos, prestar-se-ão a combater a calúnia e a mistificação dos vis e dos poderosos, fazendo prosperar sempre mais a simpática colônia. Vós sabeis que os emigrantes são vossos irmãos, são desventurados como vós; e, por isso, necessitados da vossa ajuda, da vossa assistência."*

O caminho de Rossi e dos pioneiros da Cecília é efetivamente idêntico, como vimos, ao de todo emigrante, tanto no que se refere à viagem e ao alojamento, como às questões administrativas. Cappellaro precisa bem em um artigo de *La Révolte*: "Quanto à viagem, vossa qualidade de emigrante vos fará sem dúvida ter a passagem gratuita", e Rossi não deixa, no seu relato de 1891, de propor alguns melhoramentos à sorte desses emigrantes, no que se refere à alimentação no navio ou em alguns centros de acolhida. A instalação no lugar parece também com a de outros colonos, que tiveram que suportar as mesmas dificuldades no abastecimento e nos transportes. Mas os colonos da Cecília não são todos apenas emigrantes. As pessoas que Rossi e Cappellaro recrutaram, em 1891 e 1892, talvez nunca teriam sonhado em emigrar sem os argumentos de Rossi, e eles não estavam forçosamente, como muitos dos emigrados de então, em uma situação miserável, antes de deixar a Itália. Essa hipótese poderia ser válida para Francesco Gattai, que, eletricista de profissão, trabalhou em Florença, Milão

e La Spezia antes de se decidir "a procurar melhor sorte na América". É, ao menos, o que ele afirma durante um interrogatório da polícia de Gênova, em 1902. É impossível conhecer as motivações dos outros colonos.

Que eles fossem camponeses ou operários, é difícil determinar o que seduziu esses homens e mulheres no projeto de Rossi: a esperança de "fazer a América" e de se enriquecer nas terras estrangeiras para conhecer uma vida melhor, a perspectiva de pôr em prática suas convicções anarquistas em uma experiência comunitária ou o desejo de ajudar financeiramente a propaganda revolucionária na Itália?

Tradução: Edilene T. Toledo

Revisão: Sergio S. Silva

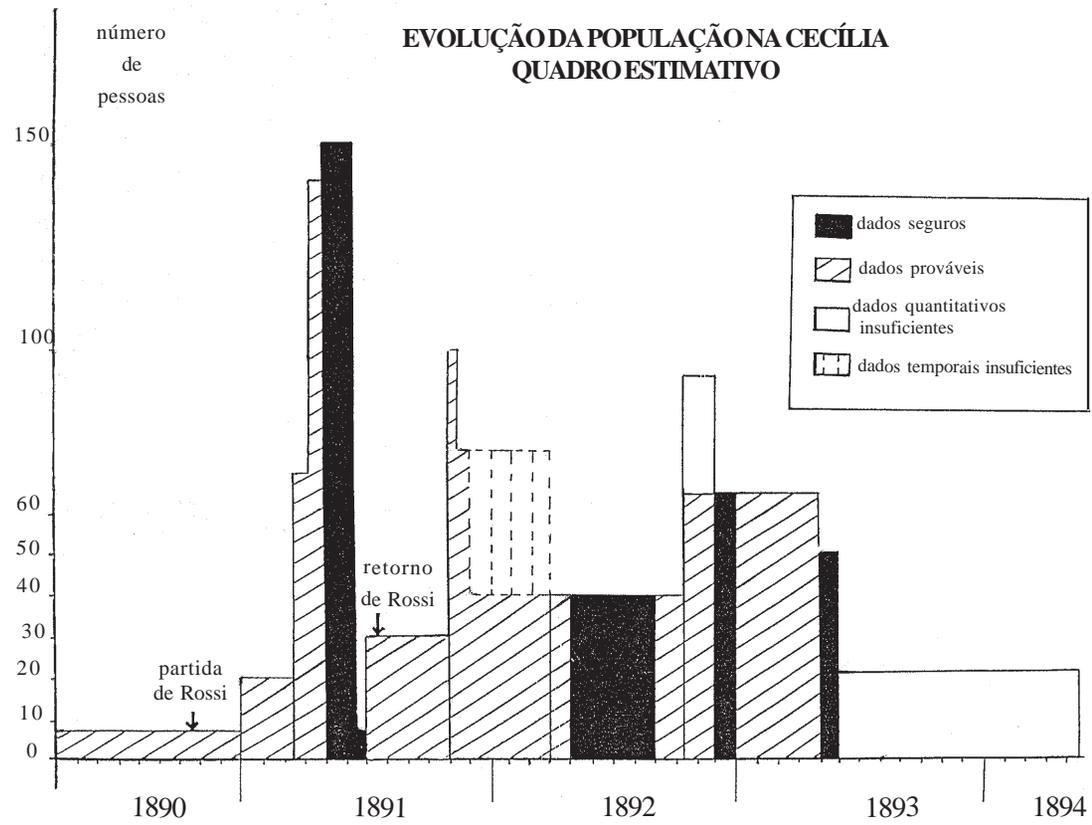
## ANEXO

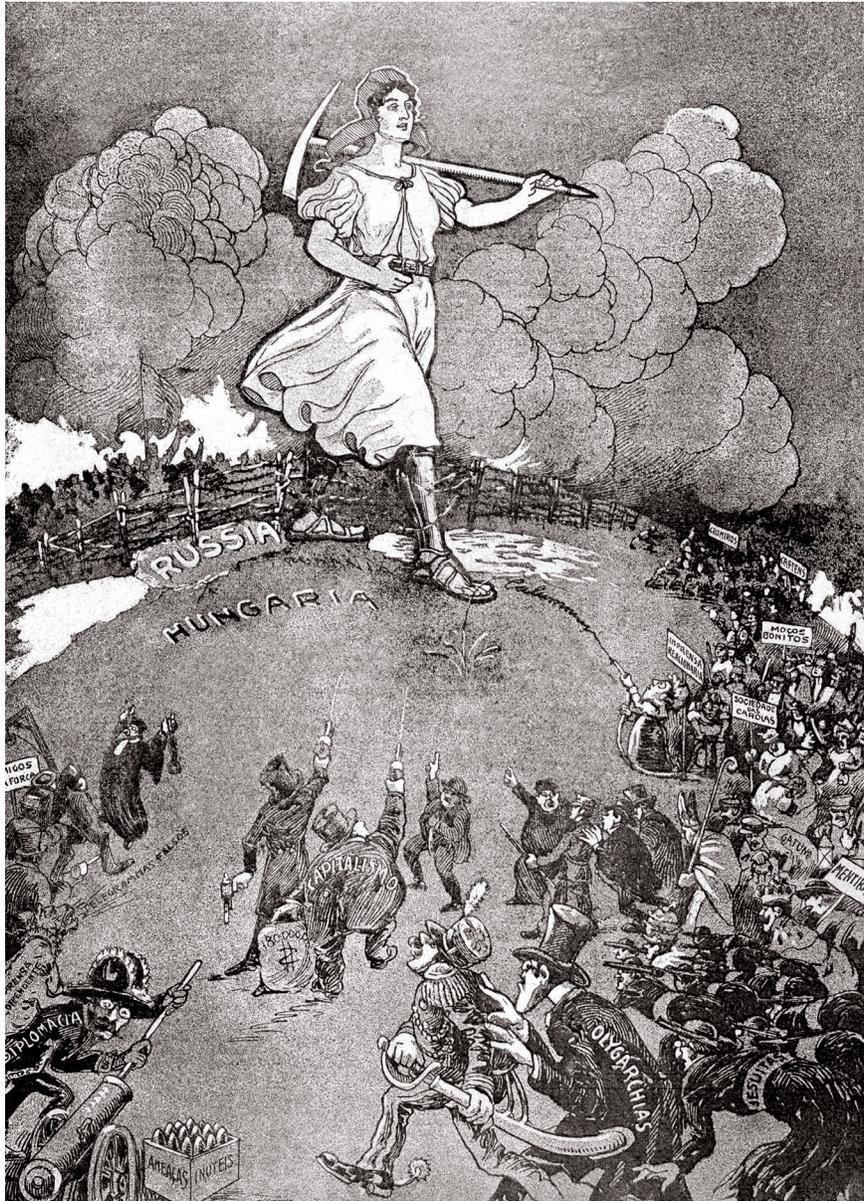
### LISTA DAS PESSOAS QUE PUDERAM COABITAR NA CECÍLIA OU NELA SUCEDER-SE

Os nomes seguidos de um ponto de interrogação são os que foram encontrados em uma única fonte de informação. Na medida do possível, aparecem também a data de nascimento e a província de origem dos colonos.

Agottani Aldino (filho de Tranquillo)  
Agottani Andrea Giuseppe ou José (filho de Tranquillo). Parma, 1882  
Agottani Pacifico. Parma, 1834  
Agottani Tranquillo. Parma, 1845  
Agottani Zeffirino (filho de Tranquillo). Parma, 1878  
Annibale  
Arrighini Elisabetta  
Arrighini Lorenzo. Brescia, 1861  
Artusi Adelina (esposa de Tranquillo Agottani)  
Artusi Aniceto  
Artusi Virginio. Parma  
Balilla  
Benedetti Evangelista. Brescia, 1866  
Bientinezzi?  
Boni Decio  
Cappellaro Amilcare  
Celli Bruno?  
Cini Egizio. Alexandria (Egito), 1862  
Codega Domenico?  
Colli Pietro. La Spezia  
Corsi Curcio?  
Costalli ou Costagli Paolo. Livorno  
Crollanti Primo  
De Paola Francesco  
Dondelli Achille. Brescia, 1863  
Dondelli Cattina  
Dusi Daniele  
Fagnoni Argia (esposa de Francesco Gattai). 1860  
Fanin?  
Fecci Florindo?  
Gallina Achille

Garzino Domenico?  
Gattai Aurelio (filho de Francesco). Florença, 1887  
Gattai Ernesto (filho de Francesco). Florença, 1885  
Gattai Francesco Arnaldo. Florença, 1856  
Gattai Guerrando (filho de Francesco). Florença, 1881  
Gattai Rina (filha de Francesco). Florença, 1883  
Gavarri Pietro?  
Géléac Jean. Brest (França)  
Grassi Eugenio  
Lemmi Eugenio. Livorno  
Lemmi (esposa de Eugenio Lemmi)  
Maderna Giuseppe. Milão, 1868  
Mansani Domenico ou Federico?  
Massa Antonio. Turim  
Mezzadri (Carlo?). Cremona  
Minardi Romano?  
Nannoni Alessandro?  
Nicola Francesco?  
Novelli  
Pacini Ernesto. Pisa  
Parodi Rinaldo?  
Previtoli Arturo?  
Puig Mayol. Espanha  
Riva Pietro?  
Romani?  
Rossi Giovanni. Pisa, 1856  
Saint-Pierre Jean. Tarbes (França)  
Serventi Adele. Turim, 1860  
Silano Luigi. Turim  
Soldi Marco?  
Todeschini?  
Tomei  
Torti Carlo?  
Venturini Dante. Livorno  
Vercezzi?  
Verona Umberto?  
Zanetti Giacomo. Brescia, 1868  
Zerla Giuseppe. Milão  
Zilli?





"A Revolução Social em marcha contra seus inimigos."

A Plebe, Ano 2, n. 11, 01/05/1919.



"Quem não trabalha não come."  
A Plebe, 12/07/1919.